

A L É M D A S
C O R E S

C A M I L A M O R E I R A





“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor.”

~ e-Livros.SITE, e-Livros.XYZ, e-Livros.WIN ~

ALÉM DAS
cores

CAMILA MOREIRA



C A M I L A M O R E I R A

ALÉM DAS
cores



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

1ª edição

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

INDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M837a

Moreira, Camila

Além das cores [recurso eletrônico] / Camila Moreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2018.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-11507-2 (recurso eletrônico) 1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

18-48929

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

Copyright © Camila Moreira, 2018

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, Através de quaisquer meios.

Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000.

Impresso no Brasil ISBN 978-85-01-11507-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

SUMÁRIO

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

CAPÍTULO 01

VOCÊ ACREDITA EM DESTINO?

EM CARMA OU CASTIGO?

Eu não acreditava até aquela manhã.

Saí de casa jurando que levava uma vida relativamente tranquila. Era uma estudante prestes a

terminar a faculdade. Tinha um apartamento, um bom emprego, um noivo carinhoso e gentil.

Estava preparando o casamento dos meus sonhos, mas conforme a data se aproximava, algumas incertezas surgiam. Eu e Maurício não estávamos mais nos entendendo entre quatro paredes. E muitas vezes ele me responsabilizava por isso. Fazia um tempo que os dois tinham se acomodado. *Queria saber onde estava a Alice e o Maurício do início do relacionamento, os dois que só pensavam em sexo, que pareciam dois coelhos.*

Apesar das dúvidas, eu tinha plena certeza de que continuar com os preparativos era a melhor coisa a fazer... Isso até encontrar o babaca do meu noivo transando na minha cama com a minha melhor amiga e futura madrinha de casamento.

Eu tinha saído de casa de manhã cedo, como fazia todos os dias, e, quando cheguei à pequena floricultura onde trabalhava, recebi a notícia de que seria dispensada. Foi o pontapé para o meu dia infernal!

Antes de ir para a faculdade, decidi passar em casa. Ao abrir a porta do apartamento, ouvi a voz de Maurício. Lembrar o diálogo que veio a seguir ainda embrulhava meu estômago.

Nossa, como você é gostosa! Que apertadinha. Uau...

Ah, que saudade. Que delícia, Mau. Me fode, vai...Vai, gata. Rebola gostoso pro seu dono, vai.

Vem pra sua madrinha, vem, seu gostoso.

Eu me senti em um filme pornô barato. Assim que me viu, Lúcia começou a chorar. E o canalha do Maurício teve a cara de pau de tentar se explicar, como se isso fosse possível.

Depois de uma discussão nada amistosa, eu resolvi ir embora. Não conseguia mais olhar para a cara daqueles dois.

Estava explicado o motivo da nossa relação ter esfriado.

Idiota!

Meu telefone toca assim que saio do prédio. É a Josi, recém-promovida à minha melhor amiga, depois dos últimos acontecimentos.

— Alice, cadê você? Já estão quase todos aqui.

— Ah, meu Deus! — Olhei para o relógio e percebi que estava atrasada.

— Estou chegando — respondi.

Era um dia importante para mim. Para o projeto final, o professor propôs que escrevêssemos uma pequena biografia de uma personalidade brasileira. As opções eram um jogador de futebol em ascensão, uma dançarina, um cantor sertanejo, um youtuber, um pintor e, minha preferida, a escritora de romances históricos, Janete Lins. Sou apaixonada pelos livros dela e, quanto mais leio, mais tenho vontade de devorar suas histórias maravilhosas. Se eu fiquei empolgada com a ideia? Estava radiante. Era a chance que eu tinha de mostrar meu estilo, e uma grande editora participaria da edição final do trabalho.

Como nem tudo são flores, a escolha seria feita por sorteio. Tentei argumentar com o orientador, explicando o quanto eu conhecia a Janete Lins, mas sua resposta foi taxativa: “Então seria fácil para você. Pense pelo lado positivo. Se não conseguir a Janete, será um desafio maior.”

Eu tinha que chegar ao ponto de ônibus o mais rápido possível. Olhei uma última vez para o prédio que acabara de deixar, e permiti que uma única lágrima rolasse pelo meu rosto. *Estava tudo acabado!*

Quando cheguei à faculdade, o sorteio já tinha sido feito e o professor conversava sobre o trabalho com alguns alunos. Pude ver em seus olhos que havia perdido mais aquela batalha.

Deus, o dia já pode terminar!

— Achei que hoje era um dia especial para você, Alice. Nunca pensei que se atrasaria.

Eu tive vontade de chorar. Não dava para explicar para o professor que me atrasara porque tinha flagrado meu noivo fodendo com a nossa futura madrinha de casamento na minha cama.

NA MINHA MALDITA CAMA.

Apenas encolhi os ombros e peguei o envelope que ele me estendia.

— Foi o que sobrou — disse ele, anotando meu nome em uma planilha. — Eu confio em você, Alice. Aliás, você é a grande promessa da turma. Não me decepcione e, o mais importante, não se decepcione.

Ele saiu, e eu encarei o papel em minhas mãos. Os poucos colegas que restavam na sala começaram a sair, um por um, mas não sem antes virem até a mim e me desejarem sorte ou me darem os pêsames. *Será que a notícia da traição já havia se espalhado?*

Meu celular tremeu, e vi que era uma mensagem da Josiane: VC ESTÁ FERRADA

Olhei outra vez para o envelope em minhas mãos antes de abri-lo.

Leandro Franz

25 anos

Pintor

Sim, eu estava irremediável e completamente ferrada.

Certo, Deus. Agora sim o dia já podia chegar ao fim.

— O que você vai fazer? — perguntou Josi enquanto tomava um suco de laranja.

Eu a encontrei na cantina, poucos minutos depois de receber minha sentença de morte literária. Não havia conseguido tomar um gole sequer da minha limonada.

— Vou escrever a biografia, ué. O que mais posso fazer? — Dei de ombros, tentando manter a calma.

— Dizem que ele é meio maluco — emendou a minha amiga. — Ele nunca dá entrevistas; odeia a mídia. Fala sério, o cara é um pintor milionário e sequer tem uma página no Facebook! Em que mundo esse idiota vive?

As palavras de Josi me faziam transpirar. Eu tinha plena consciência do que ela dizia. Desde que soubemos do projeto, passamos a discutir as personalidades sobre as quais teríamos que escrever. E, para minha sorte, Leandro Franz foi categorizado como *o pesadelo*. O cara era avesso à mídia. Não aparecia em público, a não ser na abertura de suas exposições, e tinha fama de ser insuportável, totalmente antissocial. O professor havia dito que era amigo do Leandro desde antes de ele se tornar o fenômeno que era e, por isso, o pintor havia aceitado ser biografado.

O pouco que sabíamos dele era que havia passado dez anos nos Estados Unidos. Lá, há cinco anos, Leandro negociou seu primeiro quadro na casa dos milhares de dólares, com apenas 20 anos. Talvez isso explique um pouco da arrogância. *Um pintor brasileiro fazendo sucesso nos Estados Unidos?* Era realmente espantoso.

— Não sei como esse monte de manchas coloridas valem tanto dinheiro.

Josi chamava minha atenção ao mostrar no celular a foto de uma das telas do Leandro.

— É pintura abstrata. — Ela me olhou como se eu não tivesse dito nada. — Arte moderna. As cores são a base de toda a obra. São elas que causam as mais diversas sensações em quem observa. Frio, calor, tristeza, alegria, raiva. O

espectador é levado para dentro da tela por meio das cores.

Josi bufou.

— Para mim, isso é besteira para arrancar dinheiro de otário que tem tanto dinheiro que não sabe como gastar. Então, alguém mostra uns rabiscos, diz um monte de baboseiras e pronto. Mais um otário no mundo. Com uma caixa de tinta guache, minha sobrinha pinta igualzinho ao Senhor Pesadelo.

Pela primeira vez naquele dia eu sorri. Não havia como explicar aquilo para Josi, ela não se convenceria de que os quadros manchados e rabiscados por Leandro eram a mais pura arte.

Eu também não entendia muito de arte, mas gostava de arte moderna.

Basicamente, a arte de Leandro era não representativa, ou seja, não tinha intenção de representar a realidade. Pelo pouco que eu entendia, a sua criação poderia ser considerada a própria realidade. Sua arte era subjetiva, usava forma simples, linhas e, sobretudo, cores para se exprimir.

Realmente meu professor tinha razão: estava diante de um grande desafio.

Era uma merda, mas, pelo menos, uma merda interessante. Já estava me apaixonando pela possibilidade de conhecer um pouco mais daquele mundo.

— Você ainda não me disse por que se atrasou. Você é tão certinha que até fiquei preocupada.

Josi era gentil à sua maneira, meio direta demais. Sempre dizia o que pensava.

Era uma boa amiga. Os cabelos pretos, lisos, emolduravam o rosto magro. Ao contrário de muitas mulheres, ela sofria por ser magra demais. Como minha mãe dizia: *era magra de ruim*.

— Peguei Maurício me traindo. — Eu cuspi as palavras, e Josi, o suco que bebia.

Seus olhos castanhos ficaram grandes demais no rosto; as pupilas dilatadas e bochechas vermelhas confirmavam sua surpresa.

— Como? Quando? — gaguejou. — Pegou ele no celular com alguém?

— Não! Peguei ele trepando com a minha madrinha de casamento no nosso apartamento.

— Filho da puta desgraçado.

Eu sabia que, em se tratando de Josi, ouviria alguns palavrões.

Sua explosão me trouxe de volta à realidade. Com a história do Leandro Franz, me esqueci por um momento de que havia sido duplamente traída: pelo homem a quem amava e pela mulher em quem confiava. Solucei algumas vezes antes de deixar o choro sair. Josi se levantou e me abraçou. Simplesmente aceitei o gesto e não me importei com mais nada. Tudo que queria era chorar até aquela dor passar.

— Isso realmente é uma merda fodida.

Agradei por ela não tentar minimizar a situação nem fantasiar uma solução que não existia. Tudo que eu menos queria naquele momento eram frases de efeito criadas para enganar pessoas que já haviam sido enganadas. Agora eu realmente sentia ódio dos clichês: *Tudo vai ficar bem. Vai passar. O tempo cura tudo.*

Na vida real não funciona bem assim. Estava sentindo na pele.

Quando me afastei dos ombros de Josi, agradei silenciosamente pelo apoio.

Sequei as lágrimas que ainda me desciam pelo rosto quando vi o professor se aproximando da mesa.

— Que bom que ainda está aqui, Alice. — Ele parou por um momento e me encarou. — Aconteceu alguma coisa?

Balancei a cabeça.

— Não. Tudo está como tem que estar.

— Que bom! — Abriu um sorriso. — Pois acabei de falar com Leandro. Ele disse que viaja amanhã para São Paulo. Vai ficar uma semana fora, então, concordou em se encontrar com você hoje. Em duas horas, para ser mais preciso.

O choque da notícia congelou meu corpo. Eu não estava preparada para aquele encontro. Precisava, no mínimo, de alguns dias para me preparar. Tive vontade de dizer isso, mas não tinha condições de explicar aquilo sem me expor.

Apenas balancei a cabeça, e o professor me entregou um pedaço de papel com um endereço. Ele saiu, e Josi me encarou, mais uma vez perplexa naquele dia.

— Você está ferrada — repetiu.

Li o endereço e a encarei novamente.

— É... eu sei.

Peguei um táxi. Não queria correr o risco de me atrasar. Não quando quem me esperava tinha fama de comer criancinhas no almoço, e jornalistas — de qualquer gênero — de sobremesa. Pela janela, eu observava a paisagem. Havia um tempo que os prédios do centro de Curitiba tinham dado lugar ao verde das árvores. A cada minuto que passava, eu ficava mais ansiosa. Conhecia aquele bairro, era um cartão-postal da cidade, mas tudo que sabia sobre as pessoas que moravam ali era o que lia na mídia. O local era rodeado por mansões suntuosas.

Uma mais linda do que a outra. Uma maior do que a outra.

Fiquei pensando o quanto meu trabalho com ele seria difícil. Leandro se recusara a responder a entrevista por e-mail, só concordando em participar do projeto se fosse entrevistado pessoalmente. Uma contradição em relação à sua aversão à mídia. A obscuridade que rondava aquele homem começava ali.

Qual o sentido de receber um estudante em casa, para alguns encontros, para a produção de um livro, se você tem ódio mortal de entrevistas?

Esperava, pelo menos, entender um pouco mais da mente genial de Leandro Franz após a conclusão do trabalho.

O taxista parou em frente a uma das mansões do bairro. Sabia que ele era rico, mas pela sua idade, não esperava que se escondesse em um lugar tão isolado.

Imaginava um cara que curtia a vida e o dinheiro em algum apartamento do centro da cidade.

Quando desci do táxi, o celular começou a tocar e, pela música, eu sabia que era Maurício. Ignorei a chamada, mas logo ele tocou novamente.

VAI SE FODER!

Teclei em CAPS LOCK. Talvez assim ele entendesse que nada, absolutamente nada, me

faria voltar.

Desliguei o telefone e coloquei o aparelho na bolsa.

Precisava me concentrar e esquecer os últimos acontecimentos. Era difícil, pois além da traição de Maurício e Lúcia, eu tinha perdido o emprego. E ainda teria que lidar com todas as consequências do cancelamento do casamento.

Toquei a campainha uma vez.

Como contar aos meus pais?

Toquei pela segunda vez.

O que faria quando meu aviso prévio acabasse?

Toquei pela terceira vez.

Como encarar Maurício de novo?

Quando ia apertar pela quarta vez, a grande porta se abriu. Uma mulher vestindo um terno escuro e com um coque alto me recebeu. Ela devia ter uns 35

anos. Tinha cara de poucos amigos, pois seus olhos se semicerraram em um gesto nada tranquilizador.

Encontrei minha voz no mesmo lugar em que tranquei as lembranças que estavam me assombrando, ou seja, bem lá no fundo.

— Boa tarde! Meu nome é Alice Schneider. Tenho uma reunião marcada com o Sr. Leandro Franz.

Ela me olhou de cima a baixo, impaciente. Eu ainda vestia o uniforme da loja, por isso não me surpreendi com sua reação. Parecia mais com uma vendedora de grama do que uma estudante prestes a conhecer um dos artistas mais promissores do país.

— Ah! — exclamou ao reconhecer o meu nome. — A jornalista.

Ela me deu passagem, e eu entrei.

— Na verdade, é escritora. — Eu a corriji, mas ela não prestou atenção.

Não me importei. Afinal, o que era esse detalhe diante de toda a merda que já estava sendo o meu dia?

Sorri. Não havia mais nada que eu pudesse fazer.

CAPÍTULO 02

TUDO ALI ERA MAIS LUXUOSO DO QUE QUALQUER COISA QUE EU JÁ

TINHA VISTO.

A sala na qual esperava não tinha muitos móveis; apenas um aparador encostado em uma das paredes e uma escultura próxima a uma escada que subia em caracol. Ah, e uma fonte. Sim, a casa tinha uma fonte na entrada principal.

Não sabia se achava aquilo deslumbrante ou bizarro demais. Tentei não pensar muito, já que não entendia nada de mansões e seus objetos extravagantes.

O barulho que meus sapatos faziam no chão de mármore claro não me parecia um som normal, era agudo. Não era o ruído usual de saltos batendo em um piso barato.

Movida pela curiosidade, caminhei pela sala até passar a escada. Vi duas portas que me intrigaram, pois não fazia ideia do que havia por trás delas. Olhei para cima, rodopiando sobre os pés, enquanto observava os lustres.

O lugar era iluminado. Nas paredes claras, alguns quadros, provavelmente de Leandro, mas eu não sabia ao certo, o que me fez concluir que deveria estudar mais a fundo o personagem do meu livro. Não era o ideal saber tão pouco sobre ele, mas, hoje, teria que me virar com isso.

Um quadro chama a minha atenção, e paro diante dele, sendo transportada para dentro da imagem. É tão colorida e quente que me faz esquecer toda a merda que vivi naquela manhã.

— Paula?

Ouvi uma voz masculina enquanto admirava o quadro a uma distância segura, já que, provavelmente, ele valia mais do que o meu rim. As pinturas de Leandro eram avaliadas em pequenas fortunas.

— Que droga, Paula!

A voz surgiu novamente, ainda mais nítida e mais ríspida, se é que poderia dizer isso. Desviei os olhos das cores que me aprisionavam, e procurei à minha volta o dono da voz.

A mulher que havia me recebido na porta agora estava ao meu lado.

— Estou aqui — disse ela ao passar por mim.

Um homem estava parado, em frente à porta que eu observara minutos antes.

— Cadê a garota com a minha agenda, passagens e itinerário?

O homem sequer olhou para mim. Na verdade, achei ótimo, pois eu estava petrificada diante do que via.

— Ela pediu demissão ontem, Leandro. Eu te avisei hoje pela manhã.

O rosto dele mudou de expressão; ele parecia ter se lembrado.

— Já contratou outra? — perguntou.

— Marquei algumas entrevistas.

Troquei o peso do meu corpo de pé. Passei as mãos pela calça, limpando o suor que brotava delas. Acho que não era um bom dia para estar naquela casa.

Bem, eu tinha certeza disso!

Involuntariamente, suspirei. Foi então que ambos me olharam como se eu tivesse cometido algum pecado. Amaldiçoei o fato de não ter visto nenhuma foto de Leandro Franz. Sabia que ele era jovem, mas não imaginava que fosse tão lindo. Era alto, com uns 20 centímetros a mais que eu. O cabelo raspado nas laterais e um pouco maior na parte superior, dava-lhe um ar rebelde. Tinha uma cor difícil de definir. Seria castanho? Ruivo? Estava mais para a segunda opção.

As sobrancelhas eram desenhadas quase em linha reta, dando a ele um ar sombrio. A barba tinha o mesmo tom do cabelo. Os pelos tomavam boa parte do seu rosto, mas não escondiam os lábios avermelhados. A camiseta azul-turquesa contornava os músculos definidos e tatuagens indecifráveis surgiam por debaixo das mangas, envolvendo seus braços, e completando assim o convite para o pecado. Ele era como um presente pronto para ser desembrulhado. Para completar, usava calça cargo e All-Star.

Meu Deus! Onde estava o meu ar?

— O gato comeu sua língua? — perguntou ele, ríspido. — Onde você conseguiu essa aí, Paula?

Pisquei uma, duas, três vezes, até que meu cérebro conseguiu processar que Leandro falava

comigo. Pensei em pedir que repetisse a pergunta, mas Paula respondeu antes: — Não, Leandro. Eu avisei que a menina da faculdade estava esperando.

Sim, Josi tinha razão: eu estava bem ferrada.

Ele desviou os olhos de mim, eu estava petrificada, me sentia uma das esculturas da sala. Por pouco, não levantei a perna e fiz biquinho para espirrar a água da fonte.

— Dobre o salário, Paula — continuou ele. — Não acredito que de hoje para amanhã você não encontre alguém que saiba ler e escrever para ser minha assistente. Pelo salário que pagamos, poderíamos contratar até um ph.D.

De repente, tive uma ideia. Estúpida, é lógico, mas era uma ideia.

— Eu posso me candidatar. Tenho interesse na vaga e sei ler e escrever. — Tentei brincar, mas imediatamente me encolhi e olhei para o chão.

— Como é que você se chama mesmo? — perguntou Leandro, me encarando, incrédulo.

— Alice — respondi, tremendo.

— Vamos fazer um mês de experiência. Se quiser, tem um quarto disponível para você. A minha casa é afastada, e eu odeio atrasos. E tem uma coisa que odeio mais do que atrasos: desculpas. Viajamos amanhã para São Paulo. Esteja aqui às oito horas. A Paula vai te passar todas as suas funções. Espero que aprenda rápido, Alice. Não tenho paciência para ensinar.

A cada palavra que ele pronunciava, eu entendia porque a antiga assistente pediu demissão. Leandro era praticamente um ditador, e, se já não estivesse desesperada, eu teria mandado ele se foder antes de sair dali correndo. Mas, além de precisar dele para o projeto da faculdade, a possibilidade de um salário atrativo realmente me interessava.

— Sim, senhor.

Ele parecia muito jovem para receber aquele tratamento, mas não consegui chamá-lo de você. A verdade era que eu estava apavorada.

Quando percebi que ele ia sair, resolvi perguntar sobre a entrevista: — Sobre a entrevista... hum... marcada para hoje?

Desde quando eu gaguejava?

— Ah, isso? — respondeu ele, com desdém. — Conversamos na viagem.

Virou-se e saiu. Apenas isso, sem maiores explicações.

Quando ele finalmente saiu, voltei a respirar.

Paula agora me olhava com um sorriso que antes não estava em seu rosto.

— Bem-vinda ao inferno. Espero que dure mais do que a última. Uma semana tem sido o recorde por aqui.

Senti um calafrio, em parte, pelo alívio que sentia por ter encontrado um emprego que parecia pagar bem e um lugar para morar temporariamente até resolver o que fazer; em parte, pelo medo do que estava por vir. Não estava preparada para ser arrastada para dentro do pesadelo Leandro Franz; já tinha minhas próprias assombrações.

Paula mandou o motorista me levar em casa, um dos benefícios do meu mais novo emprego. Ela também explicou quais seriam as minhas funções.

Basicamente, cuidar da agenda de Leandro. Responder e-mails, fazer e atender telefonemas, marcar reuniões, enviar notas para a imprensa sobre suas obras e exposições, além de acompanhá-lo a praticamente todos os lugares. Parecia fácil demais.

Quando o motorista pediu meu endereço, o baque do que acontecera de manhã me abateu. Não sabia o que encontraria quando chegasse ao meu apartamento, mas sabia quem eu não queria encontrar.

Assim que Marcos, o motorista, estacionou na porta do prédio, eu olhei pela janela e respirei fundo, buscando coragem para enfrentar Maurício.

— Tudo bem, Alice?

— Pode me esperar dois minutos e depois me deixar em outro endereço?

O motorista me encarou através do espelho e sorriu. Ele era jovem, 30 anos, no máximo. Loiro, olhos castanhos, sem barba.

— Claro, Leandro me disse para ficar à sua disposição.

Fiquei surpresa pela intimidade com que tratava o nosso chefe intragável.

— Você o conhece bem?

Mais um sorriso.

— Desde que éramos crianças. Olha... — Ele se virou no banco, me encarando. — Você deve ter tido uma péssima primeira impressão.

— Como sabe?

— Eu conheço Leandro como a palma da minha mão. Só não desiste de cara, ok?! Quando as pessoas o conhecem de verdade, até passam a gostar dele.

Fiquei muda, duvidava de que fosse verdade.

— Vamos lá! — disse antes de abrir a porta e descer do carro.

Cheguei ao apartamento em poucos minutos. Assim que a chave girou na fechadura, meu coração disparou. *Como tudo podia mudar em apenas um dia?*

Eu amava o Maurício e tinha construído sonhos baseados em uma mentira.

Fiquei parada, ali na sala, tentando descobrir quando tudo tinha ruído. Onde eu estava que não vi acontecer?

— Amor, você voltou?

Foi dolorido escutar a voz do homem a quem confiei o meu futuro. A dor rasgou meu peito, e tudo que eu desejava era sair dali.

Passei por ele sem olhar.

— Por favor, amor. Deixa eu tentar explicar?

Não respondi, não conseguiria fazê-lo sem perder a cabeça. Maurício tinha destruído meus sonhos, mas não conseguiria acabar com a dignidade e o amor-próprio que ainda me restavam.

Peguei uma mala e comecei a colocar as roupas dentro dela. Não olhava para Maurício, que falava sem parar. Quando passei ao seu lado, a caminho do banheiro, ele segurou o meu braço. A raiva reverberou por meu corpo, e, pela primeira vez naquela noite, eu o encarei. Acho que ele percebeu toda a raiva que eu sentia no meu olhar, pois me soltou

imediatamente. Peguei tudo de que precisava, e saí.

As portas do elevador se abriram na portaria, e vi Maurício, que havia descido correndo pelas escadas.

— Alice, por favor, me escuta. Era só sexo, amor. Eu te amo.

Andei depressa, praticamente corri até a saída. Eu não queria escutar. Era humilhante demais. Doloroso demais.

Marcos estava recostado no carro quando me viu. Olhei para ele, implorando que me ajudasse. E o meu mais novo colega de trabalho entendeu minha súplica, pois abriu a porta do carro para eu entrar.

— Quem é esse idiota, Alice? — gritava Maurício. — Você vai se arrepender.

Escreve o que estou falando. Sai desse carro agora ou não terá mais volta.

Marcos deu a volta e também entrou no carro.

— Por favor — supliquei, enquanto Maurício batia na janela. — Me tira daqui.

Marcos arrancou e suspirei, aliviada. Mandeí uma mensagem para Josi perguntando se poderia passar a noite em sua casa. Na mesma hora, ela respondeu que sim e passei o endereço para Marcos.

O silêncio no carro era constrangedor, por isso, resolvi tentar me explicar: — Eu... é... aquilo foi...

— Tudo bem, Alice. Não precisa se explicar. Amanhã pego você às sete.

Marcus parou o carro e agradeci antes de descer com a pequena mala. Josi me esperava no portão. Corri até ela, que me recebeu com um abraço.

Enfim consegui chorar.

— Não se segura, querida. Chorar não é fraqueza. É sinal de que você sente, e sentir é bom. Te faz humana, acima de tudo. Chora...

CAPÍTULO 03

PELA MANHÃ, MINHA CABEÇA PESAVA PELA NOITE MAL DORMIDA.

Apesar da dor de cabeça, eu estava mais calma. Sentia que as coisas aconteceriam como tinha que ser. Tentava ver o lado positivo, pelo menos, eu tinha descoberto que Maurício não valia o chão que pisava antes do casamento.

Porém, mesmo sabendo que não haveria volta, decidi que ligaria para meus pais apenas quando voltasse de viagem. Agora precisava focar no projeto da faculdade e na oportunidade de trabalho que conseguira. Meus pais me encheriam de perguntas, não precisava disso.

Assim como combinado, Marcos chegou por volta das sete da manhã. Achei que íamos para a mansão, mas ele me avisou que Leandro já me esperava no aeroporto. Marcos não comentou nada sobre o dia anterior, e eu, silenciosamente, agradei.

Não sabia o que me esperava, então, me vesti de forma casual. Calça jeans, botas e um blazer com cachecol vermelho. O clima em Curitiba estava agradável.

Marcos me entregou um envelope a pedido da Paula, antes de me deixar na área de embarque. Dentro dele estavam algumas instruções, além das passagens e do voucher do hotel em que me hospedaria.

Leia todos os e-mails de Leandro e pergunte a ele o que responder.

Anote nomes e telefones das pessoas com quem ele se reunir. Isso é muito importante.

Você participará de todas as reuniões e deverá tomar nota de tudo que achar relevante.

Se ele marcar alguma reunião, anote.

Se ele desmarcar algum encontro, anote.

Você é a memória dele de agora em diante. Anote tudo!

Isso seria fácil.

Atravessei o saguão do aeroporto enquanto digitava no celular o login e a senha do meu novo e-mail de trabalho. Além do e-mail de confirmação do voo, não havia nenhum outro. Ou seja, ainda não estava na hora de começar a trabalhar.

Fui direto para o portão de embarque e procurei por Leandro. Então, eu o vi sentado. Eu me

aproximei devagar, observando não só Leandro, mas também a mulher que estava sentada ao seu lado. Ela praticamente se jogava em cima dele, claramente se insinuando. Mas Leandro parecia alheio, olhando para a frente, encarando o nada, enquanto a mulher gesticulava sem parar. Foi então que ele me viu. E manteve a expressão. O maxilar travado, as sobrancelhas retas, nenhum sinal de sorriso. Porém, seus olhos o traíram, pois percebi que me olhava aliviado. Ele disse algo à mulher e se levantou.

Esperei que ele se aproximasse. Assim como eu, Leandro usava jeans, camisa e blazer. Segurava uma pequena pasta marrom na mão, que me estendeu assim que me alcançou. Era um laptop.

— Você tem alguns e-mails para enviar quando chegarmos.

— Bom dia, Leandro. — Como era antipático. Será que tinha dormido tão mal quanto eu?

— Bom dia, Alice. Dormiu bem? — respondeu irônico. Era visível o seu mau humor, então, evitei puxar conversa.

Durante o voo, Leandro me entregou uma agenda. Segundo ele, ali estava tudo que aconteceria durante a semana. Ele pediu que eu ficasse atenta aos horários e que não me esquecesse de avisá-lo quando seriam encontros informais ou reuniões.

Não teríamos muitas reuniões. Havia apenas duas marcadas para o dia seguinte e outra, na quinta-feira, véspera da viagem de volta a Curitiba, que seria com uma entidade filantrópica. Na agenda não dizia qual, por isso, fiquei extremamente curiosa. Leandro não me parecia o tipo de cara que ajudava os pobres e oprimidos. Ele também tinha dois jantares com mulheres. Fiquei intrigada. *Seriam encontros amorosos?* Balancei a cabeça em negativa. *Foco, Alice.*

— Algum problema? — perguntou Leandro.

— Não — respondi com um sorriso forçado.

Tirando o fato que estou tentando imaginar como é sua vida amorosa, não, nenhum problema.

Desembarcamos, e, em seguida, um táxi nos levou até o hotel. Fiquei pensando que seria mais fácil alugar um carro, já que estaríamos na cidade por quase uma semana, mas quem era eu para questionar. Estava ali apenas para ser sua agenda em forma de gente.

— Não temos compromisso hoje. Pode descansar ou, sei lá, fazer o que quiser — disse assim que fizemos o check-in.

— Muito gentil de sua parte — murmurei assim que ele virou as costas.

Leandro era uma incógnita para mim. Sempre fui boa em decifrar as pessoas, mas, desde o dia anterior, vinha questionando esta capacidade. Se tivesse que descrevê-lo, talvez dissesse que ele não passava de um riquinho arrogante, mas sentia que não era só isso. Se descobrisse o que Leandro escondia por debaixo daquela carranca, talvez escrevesse o melhor livro da turma.

Já no quarto, resolvi fazer uma pesquisa mais profunda sobre ele. Mas não encontrei nada além do que eu já sabia. Ele começou a pintar aos 14 anos, nos Estados Unidos, e, aos 20, negociou uma de suas pinturas, denominada *Indecifrável*, pela bagatela de 250 mil dólares. De lá para cá, ficou conhecido como o mais jovem gênio brasileiro da arte moderna.

Estava mais para pesadelo moderno.

Os sites não mencionavam a infância de Leandro no Brasil. Como foi parar em outro país, quem eram sua família e amigos. Anotei que esse era um tema no qual eu teria que me aprofundar. A infância de Leandro. O nascimento do gênio.

Além das cores era o nome da exposição que aconteceria em uma luxuosa galeria em São Paulo. O nome me instigava, pois, mesmo não entendendo muito sobre arte, eu sabia que um artista nunca era apenas um artista. Suas obras revelavam sentimentos que não conseguia segurar dentro de si. Um escritor não escreve apenas por escrever. Não importa o que escreva, há sempre algo além das palavras. Também acredito que há algo por trás das telas de Leandro. Cliquei no site da galeria e observei as imagens das obras expostas. Eram vinte quadros.

Tudo era lindo. A forma como as cores se harmonizavam causava sensações diferentes em mim. Hora me faziam querer sorrir, hora me deixavam inquieta.

Estava tão empolgada com a minha pesquisa que nem saí para almoçar. Pedi o serviço de quarto e comi enquanto vasculhava ainda mais a vida e o trabalho de Leandro.

Aluísio Scherer, CEO da empresa Supreme Color. Anotei na agenda o nome do dono de uma das maiores empresas de tintas da América Latina. O cara queria fazer uma coleção de cores inspiradas na obra de Leandro. Fiquei impressionada enquanto discutiam o projeto e, mais ainda, com o preço final da negociação.

Com um dinheiro daquele, eu colocaria fonte na casa inteira, não apenas na entrada. Além de mim e de Leandro, dois advogados que os representavam também estavam presentes.

Deixamos a sala de conferência do hotel quase na hora do almoço.

— Por favor, mande buscar meu terno para passar. Preciso dele perfeitamente alinhado hoje à noite.

— Oh, meu Deus! — Não consegui segurar meu espanto. Tinha acabado de descobrir que estava ferrada, pois havia me esquecido que um evento daquele porte exigia uma roupa à altura. E eu havia trazido somente terninhos. *Burra!*

— Você se expressa muito bem, Alice. Fico feliz que seu vocabulário seja tão extenso.

Eu não podia culpá-lo por seu sarcasmo, pois eu mesma estava horrorizada com a minha atitude.

— Desculpe. Eu preciso sair para comprar algo para vestir. Fui pega de surpresa.

— Paula não avisou sobre o evento?

— Ela deve ter esquecido.

Paula não havia mencionado nada. E, mesmo que tivesse, as roupas que eu tinha em casa não serviriam para muita coisa.

Leandro me encarou de cima a baixo, me deixando inquieta. Eu me sentia estranha desde que o tinha conhecido, e agora me sentia incomodada com a intensidade do seu olhar.

— Providencie o vestido, e eu pago.

— Não é necessário.

Relutei enquanto entrávamos no elevador.

— Vamos deixar algo bem claro, Alice. Isso não é esmola ou favor. Você é minha funcionária. Estará ao meu lado durante todo o evento de hoje, e eu prefiro que esteja vestida à altura. Então, compre a porra do vestido e eu pago.

Olhei para ele, analisando sua postura. Leandro não media esforços quando o assunto era ser

antipático. Começara a vislumbrar o quão difícil seria trabalhar para ele. Mas, se ele fazia tanta questão, eu é que não ia gastar meu dinheirinho suado apenas para confrontá-lo.

— Entendo perfeitamente — respondi. — Roberta pediu uma confirmação sobre o jantar de hoje.

Achei melhor mudar de assunto. Roberta era uma das mulheres com quem ele ia jantar, mas, pelo visto, ela não era uma prioridade, pois em seu e-mail, ela afirmou que Leandro não retornava suas ligações.

— Responda a ela que tenho outros planos e desmarque.

As portas do elevador se abriram, e eu saí, dando as costas para o homem que sequer despachava suas mulheres sozinho.

Qual era a porra do problema dele?

Tomei um banho rápido e fui direto ao shopping. Comprei o vestido na primeira loja que entrei. Um vestido preto, estilo tubinho, que ia até os joelhos.

De crepe de seda, era todo fechado, com um detalhe rendado no decote. Ficou perfeito. Sóbrio e elegante. Com um pretinho básico não havia como errar.

Paguei com o cartão de crédito, depois de quase ter um mini-infarto com o valor.

Até cogitei escolher outro, mas, dane-se, Leandro foi bem claro quando disse que queria que eu usasse algo à *altura*. Estava ali um vestido que não faria meu chefe passar vergonha ao meu lado.

CAPÍTULO 04

LEANDRO ME ENCARAVA INDISCRETAMENTE, E, PELA PRIMEIRA VEZ, NOTEI UMA EXPRESSÃO DIFERENTE EM SEU ROSTO.

Fiquei surpresa com a reação dele. Se havia gostado ou não do vestido, ainda não sabia. Ele era indecifrável.

— Podemos ir — falei assim que o alcancei na porta do lobby.

— Bela escolha.

— Obrigada!

Queria dizer que ele estava lindo. Se Leandro era bonito vestido de jeans, era perfeito de terno. Era impossível não notar sua beleza. Não era algo que pudesse ser ignorado.

Na porta do hotel, um carro luxuoso nos esperava. Conferi a bateria do celular e depois o guardei na bolsa. Precisava dele para anotar tudo que fosse necessário durante a noite. Dentro do carro, senti o perfume de Leandro, que me deixou inebriada.

— Podemos jantar depois do evento, assim conversamos um pouco mais sobre o seu projeto.

Quase engasguei com a proposta. *O que um vestido não faz!*

— Seria ótimo. Tenho certeza de que renderá uma ótima biografia.

Ele sorriu.

Ah meu Deus! Ele sorriu.

— Não tem muita coisa para saber sobre mim. Não sei por que aquele idiota do Juliano me fez aceitar dar essa entrevista.

— Você o conhece há muito tempo? — perguntei, perplexa. Sabia que meu professor conhecia Leandro, eram amigos, mas a diferença de idade entre eles era grande, então não fazia ideia de que se conheciam há tanto tempo.

— Ele foi meu professor, antes de eu me mudar para Nova York. Quando retornei ao Brasil, voltamos a nos encontrar e ficamos amigos.

— Chegamos — avisou o motorista.

Nos encaramos por alguns momentos, até que desviei o rosto, tentando dissipar o desconforto. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas a mudança de Leandro era nítida. Eu não podia acreditar que o motivo fosse um vestido.

O motorista abriu a porta, e desci antes dele. A galeria, assim como nas fotos, era lindíssima. Estava iluminada e pronta para receber o artista da noite. Vários fotógrafos e convidados aguardavam na entrada principal. Todos os flashes se voltaram para Leandro assim que ele saiu do carro. Tentei me afastar, mas ele me segurou pela cintura, me conduzindo até a entrada. Olhei para ele sem saber como agir, então, ele se aproximou do meu rosto, tirando o

ar que ainda me restava.

— Esqueci de avisar que você dispensou minha acompanhante para esta noite, então, terá que trabalhar em dobro.

Respira, respira, respira.

Sorri, dando alguns passos tímidos, guiada por ele.

Leandro parou para algumas fotos, e senti que se retraía com cada flash.

Alguns jornalistas fizeram perguntas sobre a exposição, mas Leandro desconversou, afirmando que mandaria um *press release* por e-mail. Entramos na galeria, e fiquei impressionada com a imponência do lugar.

O curador da exposição nos recebeu. Era um homem de meia-idade elegante, que encarou Leandro com um sorriso.

— Seja bem-vindo, Franz. Espero que tenha ficado exatamente como gostaria.

— Tenho certeza de que sim, Antony. Quero que conheça a minha assistente, Alice Schneider, uma brilhante estudante de Letras com um futuro promissor.

Ela está escrevendo a minha biografia.

Minha voz desapareceu; eu não conseguiria pronunciar uma única palavra depois do que ele disse.

— Parabéns, minha jovem. Escolheu um ótimo curso. Tudo na vida começa com as palavras. Mas tenho que confessar: impressionante a sua coragem ao escolher Leandro como tema do seu livro.

Estendi a mão para cumprimentar Antony.

— Muito prazer! Obrigada, mas tenho que discordar. Não há melhor artista para biografar do que Leandro Franz.

Eu não sei por quê, mas senti necessidade de defendê-lo, por mais que ele não merecesse.

— Leandro exaltou suas qualidades acadêmicas, mas tenho que dizer que, além disso, você também é uma mulher belíssima.

Corei até o último fio de cabelo.

— Contenha-se, Antony — disse Leandro, um pouco ríspido.

— É apenas um elogio.

O homem pareceu se divertir com a reação do meu chefe.

Fingi que não havia notado o que acabara de acontecer. Tentava tratar tudo com normalidade, mas a verdade era que eu estava apavorada. Era muita informação para alguém que há poucos dias trabalhava em uma floricultura e era apaixonada por um cara que a traiu com sua futura madrinha de casamento.

Alguém pare o mundo, pois tem algo muito errado acontecendo.

De repente, o celular começou a vibrar insistentemente na bolsa.

— Com licença — pedi antes de me afastar.

O número que piscava no aparelho era desconhecido, por isso apenas ignorei a ligação. Quando levantei o rosto, Antony não estava mais ao lado de Leandro, mas sim uma mulher loira, alta, usando um vestido longo vermelho, que me fazia parecer a gata borralheira. Fiquei parada onde estava. Não quis interromper, a conversa parecia séria, pois Leandro já exibia a habitual carranca. O garçom parou próximo a mim e me serviu uma taça de champanhe. Era tudo do que eu precisava!

Eu me virei para o quadro que estava à minha frente, o *Estrelas esquecidas*. Não havia céu nem estrelas, apenas o contraste de vários tons de azul.

— Tinha 12 anos quando pinteí esse.

A voz de Leandro me assustou, e por pouco não deixei a taça cair. O tom não era ríspido como antes, era sedutor e fazia todos os pelos do meu corpo se arrepiarem.

— Incrível! Com 15 anos eu nem sabia o que queria da vida, de tão perdida que estava.

— Você estudou ciências biológicas, certo?

Meu queixo caiu. Como ele sabia?

— Exato! Mas a literatura falou mais alto e minha vontade de mergulhar nos livros e nunca mais sair de lá também. Quando estou lendo, o mundo para, a vida do lado de fora para, e tudo passa a acontecer dentro das páginas. É mágico.

— Pretende ser escritora quando se formar?

Essa era uma pergunta que sempre me deixava ansiosa. Eu não sabia se tinha imaginação suficiente para produzir longas histórias. Ser escritor é muito mais do que colocar um punhado de palavras no papel, é dar vida a algo que ainda não existe.

— Ainda não sei bem que caminho seguir. Eu quero escrever, apenas, seja o que for. Ser escritora seria a realização de um sonho. Ler é magia, e escrever é um milagre.

Por alguns segundos, eu apenas o observei. Aquele não era o Leandro que conheci há dois dias. Ele parecia mais humano, menos tenso, e eu me perguntava o que havia mudado. Devia ser um caso de bipolaridade, era a única explicação.

— Farei o discurso de abertura, e podemos ir.

Ir? Como assim? Não fazia nem meia hora que havíamos chegado.

— Tem certeza?

— Sim. Não sou muito sociável, você já deve ter percebido isso. E estou com fome. Fiz reserva em um restaurante que gosto muito.

Fiquei surpresa.

— Esse trabalho não deveria ser meu?

Ele negou com a cabeça e me deu um de seus sorrisos tímidos. Era tão sutil que a maioria sequer notaria que se tratava de um sorriso. Mas eu percebia. Era tão lindo que me tirava o fôlego.

— Considere uma folga.

Estava encantada. Essa era a expressão correta, mas não poderia me deixar levar por aquele lado de Leandro, pois, com certeza o Senhor Pesadelo voltaria em breve.

Meu celular deu o ar da graça mais uma vez.

— Desculpe!

— De novo?

Bem, lá estava ele novamente. O ar sombrio, as sobrancelhas retas, a cara de quem comeu e não gostou. Maldito celular. Abri a bolsa rapidamente e ignorei a chamada sem nem ver quem era.

Quando voltei o olhar para Leandro, vi que observava o *Estrelas esquecidas* com certa melancolia. O azul de seus olhos brilhava intensamente. Sim, havia algo por trás daquelas cores que mexia com ele. Sorri quando ele me encarou antes de caminhar em direção ao pequeno palco montado no centro da galeria.

Imediatamente, os convidados voltaram sua atenção para a estrela da noite. Eu fiz o mesmo.

— Gostaria de agradecer a presença de todos e dizer que é uma honra enorme inaugurar esta exposição aqui em São Paulo. *Além das cores* nunca esteve tão em casa quanto agora. Espero que gostem, obrigado!

Todos aplaudiram, e, quando desceu do palco, Leandro cumprimentou diversas pessoas. Os convidados não paravam de se aproximar. Ele parecia inquieto, desconfortável. *Não sou muito sociável*. Lembrei-me de suas palavras, então, percebi que aquela era uma boa hora para alguém resgatá-lo. Leandro estava cercado por algumas pessoas, a maioria mulheres, que praticamente se jogavam aos seus pés.

— Com licença, Sr. Franz. Poderia me acompanhar por um momento?

Vi quando Leandro suspirou, aliviado.

— Obrigado pela presença de todos.

Leandro colocou novamente a mão na base da minha cintura, conduzindo-me entre as pessoas. Ele acenou para Antony, que conversava com outro grupo de pessoas, e fomos direto para a saída. O mesmo carro que nos trouxera nos aguardava. Leandro abriu a porta, e eu entrei, sendo seguida por ele. Parecia que estava fugindo. Era estranho ver um jovem tão famoso agir daquela forma.

Havia algo errado com Leandro Franz, e eu ainda não fazia ideia do que era.

CAPÍTULO 05

O RESTAURANTE ERA PERFEITO.

Fiquei imaginando se a reserva havia sido feita para o seu encontro com a tal da Roberta. Leandro deve ter percebido minha frustração.

— Algum problema, Alice?

Me acomodei na cadeira e não consegui mentir para ele.

— Você e a Roberta iam jantar aqui?

No momento em que as palavras saíram da minha boca, eu me arrependi. *Não é da sua conta.* Se ele respondesse isso, talvez assim eu aprendesse a manter a boca fechada.

— Não!

Ufa! Uma onda de alívio me dominou.

— Fiz a reserva depois que você desmarcou meu jantar com ela.

— Por quê? — Eu não entendia de onde estava vindo essa onda de me meter onde não era chamada.

— Acabei de te contratar como minha assistente pessoal e não sei muito sobre você. E se você for uma psicopata?

Não contive a vontade de rir diante daquele comentário. Olha quem está falando sobre tendência à psicopatia. Um sujeito que exalava perigo por todos os poros de seu corpo.

— Não há muito o que saber sobre mim — repeti a frase que ele havia me dito mais cedo. — Sou do interior do Paraná e me mudei para Curitiba para fazer faculdade. Trabalhava em uma floricultura, mas fui despedida no mesmo dia em que nos conhecemos. — Ele me olhou surpreso. — A filha do meu ex-chefe voltou para casa, e ele não conseguiria manter as duas na empresa. Amo livros e sou apaixonada por romances históricos.

— Por isso queria escrever sobre Janete Lins?

— Parece que Julianos falou muito a meu respeito.

— Só o que perguntei. Sei ser muito persuasivo.

Os olhos de Leandro brilhavam.

— Sou apaixonada por romances históricos. Meu fascínio começou quando descobri Jane Austen e fui enfeitiçada. Ela é a fada das palavras.

— Namorado? — Leandro não fazia rodeios. Era sempre direto e sucinto.

Um homem de pouquíssimas palavras.

— Eu era noiva, mas não deu certo — respondi, tentando disfarçar a tristeza.

Tudo que estava acontecendo me mantinha ocupada, mas eu estava ferida, e muito.

Naquele momento fomos interrompidos pelo garçom. Leandro pediu uma garrafa de champanhe e uma água.

— Sinto muito — disse assim que o garçom se afastou.

— Não sinta. Ele era um canalha.

Levantei a cabeça e observei o seu rosto. Parecia sincero; mais que isso, solidário. Será que Leandro já teve o coração partido?

— Faz muito tempo?

Não queria falar de Maurício, mas não consegui mudar de assunto. Eu me sentia bem conversando com Leandro.

— Três dias.

Ele me olhou surpreso.

— Você perdeu o emprego e o noivo no mesmo dia?

— Na verdade, se não tivesse perdido o emprego ainda estaria noiva. Voltei mais cedo para casa e o peguei transando com minha melhor amiga e futura madrinha de casamento na nossa cama.

Não acreditei que tinha dito aquilo no exato momento que o garçom servia o champanhe.

Leandro tentava segurar o riso. *Maldito!*

— Já disse que você se expressa muito bem, não disse? Bom, pelo menos, agora o garçom terá algo para se distrair. Sua história é digna de novela mexicana.

Então ele sorriu. Um sorriso de verdade. Um sorriso que alcançou seus olhos e iluminou todo o seu rosto. Era a primeira vez que eu o via sorrir daquela forma.

Estava presa naquele momento e desejei permanecer ali. O sorriso dele me aquecia.

Leandro parece ter percebido meu fascínio por ele, pois trancou-se novamente. Ele bebericou a água, e fiquei tentando adivinhar o que se passava pela sua cabeça.

— Não vai beber champanhe? — Eu quebrei o silêncio.

— Não, eu não bebo.

Uau! Aquilo era uma revelação e tanto.

Notando meu espanto, Leandro se adiantou.

— Já tive problemas com o álcool. O que vai pedir?

Olhei o cardápio e fiquei indecisa. Não estava acostumada com pratos tão refinados.

— Vou te acompanhar. Surpreenda-me — respondi.

Ele devolveu o cardápio ao garçom sem ao menos olhá-lo. Agradei por sua sugestão, pois logo senti que teria uma das melhores experiências gastronômicas da minha vida.

Conversamos muito durante o jantar. Leandro me contou sobre sua temporada nos Estados Unidos e de como isso influenciou sua carreira. Falou sobre a exposição, sobre seu processo criativo e até sobre a mansão em Curitiba.

Eu absorvia cada palavra que dizia com entusiasmo. Era como se estivesse descobrindo pouco a pouco aquele homem.

— E seus pais? Ficaram nos Estados Unidos? — Continuávamos conversando no carro, a caminho do hotel.

Depois dessa pergunta, a conversa se encerrou. Leandro emudeceu. Olhei para as minhas

mãos e também fiquei em silêncio. Não sabia o que fazer diante daquela situação constrangedora. Foi então que meu celular vibrou novamente.

Fechei os olhos e, por um minuto, cogitei não pegá-lo, mas desisti. Leandro havia me deixado falando sozinha mesmo.

Era uma mensagem de Maurício.

Amor, volta para nossa casa. Estou desesperado sem você.

Eu não acreditava no que lia. Maurício estava maluco se realmente acreditava que eu voltaria para ele depois de tudo que aconteceu. Todo o amor que sentia por ele estava se transformando em ódio; era tudo que conseguia sentir por aquele filho da puta.

— Vou trocar de número amanhã — avisei, pois Leandro me encarava incomodado.

— Ele é insistente.

— Idiota de achar que vou cair na lábia dele outra vez.

— Não posso culpá-lo por tentar.

Sua afirmação me deixou sem palavras. Leandro desviou os olhos para a janela e também ficou em silêncio. Estava começando a achar que não tinha sido um coração partido que o deixou tão estranho, mas sim algo relacionado à infância que ele fazia tanta questão de esconder.

Voltar para Curitiba depois de passar quase uma semana fora foi difícil. Não falei mais com Leandro sobre a entrevista desde a noite do jantar. Ele voltou a ser a pessoa intragável de sempre. Durante a última reunião que fizemos em São Paulo, Leandro questionou na frente de todos se eu realmente sabia o que estava fazendo. Fiquei furiosa, mas disfarcei. Não podia perder a cabeça, pois era exatamente isso que ele estava esperando que eu fizesse. E eu não daria o braço a torcer.

Marcos nos pegou no aeroporto e me levou direto para a casa da Josi. Contei a ela sobre a viagem, mas evitei falar muito em Leandro. Enquanto desfazia as malas, minha amiga também me contou que Maurício apareceu na porta dela, mas que ela nem sequer o deixou entrar. Quase morri de rir quando ela descreveu detalhadamente a cena de forma dramática.

Aproveitei o dia de folga e resolvi algumas pendências. Contratei um advogado para resolver

a questão do financiamento do apartamento, que estava em meu nome. Eu tinha medo de que Maurício tentasse alguma coisa. Também voltei à Jardins & Cia para formalizar minha saída. Deixei para ligar para os meus pais por último; sabia que seria difícil contar a verdade, os dois tratavam Maurício como filho. Minha mãe começou a chorar, mas ambos me apoiaram.

Eu me sentia de alma lavada. Não havia mais nada que me prendesse a ele.

Finalmente, eu estava livre.

Liguei para Marcos no fim da tarde e pedi que ele me buscasse. Josi disse que eu poderia passar uns dias na casa dela, mas achei melhor não. Eu havia tomado a decisão de me mudar para a mansão e, se pensasse muito, principalmente nos últimos acontecimentos, eu desistiria. E isso seria inaceitável.

Paula me recebeu com mais gentileza, talvez pelo fato de eu ainda estar ali depois da viagem a São Paulo. Ela me mostrou o meu quarto, e eu fiquei surpresa: era maior do que o meu apartamento! Desfiz as malas e, quando terminei, tomei um banho demorado. Deitei na cama e liguei a televisão. Zapeei por alguns canais até que escutei um barulho. *Era o meu estômago*. Não havia comido nada durante todo o dia, então, vesti uma roupa qualquer e fui à procura de Paula. Ela não me dissera nada sobre as refeições, e eu não suportaria mais uma hora sem comer.

Parei em frente à grande porta de madeira ao ouvir a voz de Leandro. Ele parecia ler em voz alta, mas era difícil acompanhar o que dizia. Leandro parecia ter dificuldade em pronunciar as palavras. Ele gaguejava a cada fim de frase, recitando sílaba por sílaba pausadamente. A curiosidade me venceu mais uma vez e coloquei a mão na maçaneta, pronta para abrir a porta, mas uma voz me deteve.

— O que está fazendo aqui?

— Procurando a cozinha — respondi, assustada.

— Vem comigo agora — bradou Paula em voz baixa.

Quando girei meu corpo para segui-la, a porta se abriu. Leandro me encarava como se eu fosse um fantasma. Seus olhos estavam arregalados, e não consegui dizer nada. Eu estava apavorada.

— Estava mostrando a casa para Alice, Leandro. Mas já avisei que o escritório é uma área restrita e que você não deve ser incomodado quando estiver aí.

Em nenhum momento ele desviou os olhos de mim. Eu, apesar do pavor, também não recuei. Leandro usava camiseta e bermuda, parecendo ainda mais jovem.

— Então você veio?

— Sim. — Apenas concordei.

— Espero que esteja preparada.

Foi como um aviso . *Você tomou uma decisão errada. Corra enquanto há tempo.*

Ele bateu a porta e desapareceu atrás dela. Desejei que ele voltasse para me explicar o que queria dizer com aquilo, mas ele não voltou, e o silêncio invadiu aquele lugar enorme.

— Vem, Alice. — Paula puxou o meu braço. — Preciso te alertar sobre algumas coisinhas.

É, ela precisava, e a primeira delas, com certeza, seria *fique longe de Leandro Franz*.

CAPÍTULO 06

FIQUEI EMPOLGADA COM A PRIMEIRA TAREFA QUE LEANDRO ME DEU: ESCREVER UMA NOTA SOBRE A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO.

Tinha também que entrar em contato com vários jornais e sites para falar sobre o evento. Estava realizada por escrever profissionalmente.

De manhã, cuidava da divulgação da exposição. Depois do almoço, trabalhava na catalogação dos quadros. De noite, escrevia o primeiro rascunho da biografia do Leandro, que começava a tomar forma, embora houvesse vários pontos a serem esclarecidos. Eu precisava retomar as entrevistas.

Uma semana.

Já estava morando na mansão havia uma semana.

Era estranho estar em um lugar tão diferente, mas estava me adaptando bem à nova realidade. Raramente eu via Leandro, não sei como ele conseguia viver enclausurado. Conversava muito com Paula e Marcos, já que fazíamos as refeições juntos. Tentei arrancar algo deles sobre a infância de Leandro, mas ambos sempre desviavam do assunto.

— Essa é uma história que apenas ele pode te contar — disse Marcos.

— Se é que um dia vai contar — completou Paula.

Estava claro que Leandro escondia um segredo.

— Contar o quê?

O café respingou na minha camiseta com o susto que levei. Leandro entrou na cozinha e sentou-se à mesa. Pegou uma maçã na fruteira, e meus olhos grudaram em sua boca enquanto ele mordida a fruta. Confesso que comecei a pensar algumas besteiras. *Como gostaria de ser aquela fruta.* Não sabia de onde vinham esses pensamentos. Quero dizer, sabia sim. Apesar de grosso, Leandro era um homem lindo e sexy, impossível não desejá-lo. Acontece que ele estava fora dos limites para mim por dois motivos: eu havia acabado de terminar um noivado e Leandro era o meu chefe. Simples assim. *Ou seja, Alice, controle-se.*

— Estava contando como minha amiga enxotou meu ex-noivo da sua casa.

Leandro, inesperadamente, sorriu.

— Ele deve ter merecido.

Paula e Marcos estavam boquiabertos, tão espantados quanto eu. Bem, parece que o Leandro *bonzinho* estava de volta. A dúvida era: por quanto tempo?

— Como está a agenda de amanhã? — questionou, olhando diretamente para mim.

— Pela manhã, vou catalogar suas telas novas e, no fim da tarde, você tem um encontro com Pierre.

Pierre era um empresário italiano que queria comprar algumas pinturas de Leandro.

— Você vai comigo?

Fiquei sem saber o que responder. Sexta-feira eu costumava ir com o pessoal da faculdade a um barzinho próximo ao campus. Seria a primeira vez que sairia depois do meu rompimento com Maurício. Josi estava animada, disse que arrumaria um gatinho para aliviar minha depressão pós-chifre.

Diante da minha hesitação, Leandro ergueu uma sobrancelha. Eu já o conhecia mais do que

gostaria.

— Se for mesmo preciso.

Ele sorriu, como se aquilo fosse um sim. Levantou-se da cadeira e deixou sobre a mesa a metade da maçã. A língua dele deslizou pelos lábios, secando o sumo da fruta que ficou em sua boca.

— Preciso de você comigo — afirmou, dando uma piscadela.

Espera aí, eu entendi direito? Leandro disse aquilo com segundas intenções ou eu realmente estava viajando?

Ele saiu, e a única coisa que consegui pensar era que estava perdendo meu juízo. Paula e Marcos me encaravam como se tivesse nascido um terceiro olho em minha testa. Ele não parava de rir; ela parecia abismada.

— O que foi? — perguntei. — Ele deve ter acordado de bom humor. Todo mundo tem dias bons e ruins.

— Acontece, querida, que antes de você chegar a essa casa, só tínhamos dias ruins — disse Paula com ironia.

— Vai, chefinho! Vai, chefinho! — debochou Marcos.

— Você é um perfeito babaca, sabia?! — Joguei o guardanapo nele, que desviou, ainda com um sorriso idiota no rosto.

Deixei os dois na cozinha e fui para o quarto. Não tinha o que fazer, já que Leandro fazia questão da minha presença. O problema é que as coisas estavam ficando estranhas demais. O pouco que eu o via já era suficiente para me desestabilizar. Estava encantada por Leandro. Tudo nele me fascinava, fosse positiva ou negativamente. Sua personalidade, seus segredos, sua genialidade, seu sorriso.

Eram cinco novas telas.

Leandro havia produzido cinco novas obras em uma semana. Pelo que entendi, ele andava mais inspirado do que nunca. Em todas as obras, ele tinha usado cores vibrantes. Eram as mais alegres que havia produzido. Elas pareciam refletir o *Leandro bonzinho* de ultimamente.

O estúdio ficava na parte de trás da casa. Através das grandes janelas era possível observar o jardim que rodeava a mansão. O lugar era amplo e iluminado, com espelhos em algumas paredes, sem móveis, apenas cavaletes e um ou outro armário com pincéis, tintas e telas em branco.

As novas telas estavam espalhadas pelo estúdio. Fotografei cada uma delas e anotei o tamanho e outras características em minha agenda. Leandro só não havia intitulado uma delas. Fiquei encarando os tons de amarelos, encantada com os traços da pintura. Embora abstrata como toda a obra de Leandro, a tela tinha uma singularidade que eu não conseguia explicar. Senti uma paz indescritível; era como o sol da manhã, os raios saíam da tela e penetravam a pele do meu rosto, aquecendo o meu coração. Respirei fundo e fechei os olhos. Abri os braços diante do quadro, absorvendo as sensações únicas que ele me causava, como se realmente estivesse diante do sol.

Fiquei assim por alguns minutos, até sentir que estava sendo observada. Abri os olhos, e Leandro me encarava. Estava ao lado do quadro, criador e criatura!

Imediatamente, meus braços caíram ao lado do corpo. Estava constrangida por ter sido pega em uma situação tão íntima. Não era nada de mais, mas não queria que ele tivesse visto o quanto ainda estava fragilizada por tudo que sofri.

Depois de duas semanas ao lado de Leandro, cheguei à conclusão de que seu cabelo era ruivo. Olhando para ele, ao lado do quadro, os fios bagunçados pareciam ainda mais vermelhos. A barba, no mesmo tom, o deixava ainda mais impressionante.

— Fico feliz que tenha gostado.

— É lindo — elogiei, tentando esquecer o meu constrangimento. — Qual o título dele?

Abri a agenda pronta para anotar o que ele me dissesse, porém, para minha surpresa, Leandro se aproximou e parou na minha frente. O perfume que usava embriagou os meus sentidos. Eu não sabia mais onde estava ou o que estava fazendo. Leandro me encarou intensamente, como se quisesse desvendar a minha alma. O azul dos olhos era tão brilhante que refletia a minha imagem. Sua boca se moveu, devagar. Eu não ouvia nada. Tudo ao meu redor estava em silêncio, como se eu estivesse em uma cena dos meus livros preferidos.

Ele ia me beijar!

Eu queria desesperadamente ser beijada por ele!

Isso era tão errado!

Minha boca se abriu, pronta para recebê-lo, mas de repente ouvi palavras que me trouxeram de volta à realidade.

— Está me escutando, Alice?

— Desculpa — balbuciei. — Eu fiquei pensando em... hummm... algumas coisas.

Ele sorriu, sabendo exatamente em que “coisas” eu estava pensando.

Jesus! Pode mandar o dilúvio, pois é o fim do mundo para mim.

— Pode repetir? — Usei toda a cara de pau que ainda tinha.

— Quer escolher um nome para ele? — A voz de Leandro era suave e gentil.

Engasguei.

Ele realmente queria que eu escolhesse? Talvez, só naquele momento, eu quisesse o Leandro *pesadelo* de volta. Pelo menos, eu já havia aprendido a lidar com sua arrogância; diferente daquilo, que me pegou totalmente desprevenida.

Sabia como ignorar suas grosserias, mas não sabia como reagir quando era delicado. No entanto, diante de todas as suas nuances de humor, era uma das coisas que tinha que aprender. E rápido.

— Você parecia bem à vontade diante dele. Eu ainda não sei que nome dar, por isso pensei que talvez... — Ele deu de ombros, sem concluir o pensamento.

Foi minha vez de sorrir. Era uma gentileza e tanto da sua parte, ainda mais porque percebeu que o quadro havia me tocado.

Concordei com a cabeça, e ele sorriu. Saiu da minha frente, me deixando novamente de frente para a tela. Quando me virei para ele, seu rosto estava sério, mas não de uma forma intimidadora. Ele parecia apreensivo, como se estivesse à espera das minhas palavras.

— *Sol da manhã?! —* Minha resposta soou quase como uma pergunta, pois tive receio de ter dito uma besteira.

— Você sentiu isso? — Sua sobrancelha direita arqueou, junto com o canto da boca.

— Senti como se estivesse no interior, onde eu posso ver o sol nascer em meio às montanhas. Não sei explicar, mas a sensação é a mesma. É real!

Ele suspirou. Bem, acho que isso é o fim da minha carreira como *nomeadora de quadros*. Foi um desastre total.

Baixei o olhar, evitando encará-lo. O cheiro dele voltou a me invadir, e meu queixo foi levemente tocado por dedos gentis. Levantei a cabeça e encarei aquele homem misterioso que me deixava cada dia mais perdida.

— É perfeito!

Novamente meus lábios formigam pela sensação do quase beijo que nos rondava. Minhas pernas amoleceram. Leandro ainda me encarava, nunca deixando meus olhos. Várias possibilidades passaram por meus pensamentos, e todas envolviam a boca de Leandro na minha.

Então, ouvimos passos. Eu congelei no lugar assim que ouvi a voz de Marcos.

— Sinto muito se atrapalho. — Mesmo sem vê-lo, eu sabia que Marcos sorria. — O carro está pronto, Leandro.

Ele não se mexeu, e vi quando seu corpo inteiro se retesou.

— Leandro? — Ele me ignorou e saiu do estúdio sem ao menos me olhar.

Voltei a respirar, ainda tentando compreender o que tinha acabado de acontecer. Leandro e eu quase nos beijamos.

Perguntei a Paula se ela sabia aonde Leandro tinha ido, mas ela disse que não.

Na agenda, não havia nenhum compromisso, além do encontro com Pierre.

Fiquei curiosa, talvez fosse algo pessoal.

Terminei de catalogar as novas telas e arqueei todas as fotos no computador.

Um sorriso de orgulho surgiu em meu rosto assim que registrei *Sol da manhã* entre os quadros produzidos por ele.

Eram três da tarde quando Leandro chegou acompanhado de Marcos. Os dois cochichavam quando entraram pela porta da mansão, mas, assim que me viram, se calaram. Leandro bonzinho havia desaparecido. Ele passou por mim sem dizer uma única palavra. Irritada pela mudança repentina de humor, resolvi chamar sua atenção antes que ele desaparecesse.

— Reunião com Pierre em duas horas — lembrei, um pouco autoritária.

— Obrigado, Alice. Mas, se eu quisesse alguém gritando meus compromissos pela casa, eu colocaria um lembrete no celular.

Deu as costas e sumiu. Olho para Marcos, que dá de ombros antes de desaparecer também.

Perfeito, Alice. Primeiro, você quase beija o seu chefe, depois, age como uma louca descontrolada.

Uma hora mais tarde eu já estava do lado de fora da mansão, aguardando Leandro. A reunião seria no hotel em que Pierre estava hospedado, no centro de Curitiba. Vesti uma calça social preta com camisa de seda também preta. Achei que a cor combinaria com o Leandro pesadelo. Coloquei saltos e preendi o cabelo em um rabo de cavalo bem alto. Pouca maquiagem e um brinco pequeno completavam o meu visual. Em minhas mãos, minha melhor amiga nas últimas semanas: a agenda. Tudo que eu sabia sobre Leandro estava naquelas páginas.

— O que está acontecendo entre vocês? — Dei um pulo quando ouvi a voz de Marcos atrás de mim.

Estava tão distraída que nem percebi ele chegando.

— Não está acontecendo nada — menti.

Sim, algo estava acontecendo, mesmo que eu não soubesse o quê.

— Não sou idiota, Alice. A tensão entre vocês dois é palpável. E, além do mais, eu nunca o vi assim. Você realmente deve ter mexido com ele.

Marcos sussurrou a última frase ao ver Leandro sair pela porta da mansão.

Nosso chefe me encarou, os olhos me fulminaram. Marcos se afastou e abriu a porta do carro.

Leandro passou por mim em silêncio, depois de me analisar milimetricamente. Abriu a porta e, ao contrário das outras vezes, sentou-se no banco da frente. Marcos me olhou sem entender, e também entrei no carro. Eu realmente queria saber o que estava acontecendo.

CAPÍTULO 07

SETECENTOS MIL REAIS

Minha boca ainda estava aberta. Era o valor que Pierre pagou por duas telas de Leandro. Eu não acreditei quando o advogado do comprador concordou com o valor exigido pelo meu chefe.

Foram praticamente quatro horas de negociação, mas, no fim, a obra de Leandro seguiria para uma grande galeria na Itália.

Assim que saímos da reunião, procurei Marcos, mas ele não estava na porta do hotel. Leandro se aproximou, ficando ao meu lado. Prendi a respiração, sua proximidade me desestabilizava.

— Eu o dispensei.

— Quem? Marcos? — perguntei um pouco surpresa.

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— Pensei que poderíamos sair para jantar. — Eu estava perplexa; as mudanças de humor de Leandro me deixavam desnorteada. — Você pode escolher o restaurante, em agradecimento pelo *Sol da manhã*.

Quase surtei! Tive vontade de bater de frente com ele, questionar o que estava acontecendo, mas desisti. Leandro não me devia satisfação, ainda que sua boca quase tivesse encostado na minha naquela manhã.

Aceitei o convite, mas resolvi que minha pequena vingança por suas súbitas mudanças de humor seria tirar Leandro de sua zona de conforto. *Que tal sacudir o mundo do homem das cores?!* Abri um sorriso e decidi que tinha um bom plano.

Entramos em um táxi e informei o endereço ao motorista.

— É um bom restaurante?

Meu coração saltou do peito quando percebi o que estava fazendo, mas não recuei.

— Sim, é ótimo.

Ele sorriu, aquecendo mais uma vez meu coração.

— Alice, quando eu disse jantar, realmente pensei em algum lugar que servisse comida em pratos, e bebidas em copos que não fossem de plástico.

Eu não consegui segurar a gargalhada diante do espanto de Leandro.

Levei o meu chefe para o bar da faculdade. Estava lotado, como toda sexta-feira. Mandeí uma mensagem para Josi dizendo que estava chegando, mas ela ainda não tinha respondido.

— Vai ser legal. Quem sabe você não se inspira para o próximo trabalho.

Ele me olhou, estarrecido.

— Duvido muito — desdenhou.

Encontramos uma mesa vazia e nos sentamos. Leandro levantou as duas mãos, como se tivesse se dado por vencido. Ele passou a observar o cardápio de uma forma estranha, franzindo a testa e mostrando todo o seu incômodo. Sabia que ele não estava acostumado com aquele tipo de lugar, mas não imaginava que acharia tão ruim. Ele passa uma mão pela calça, secando o suor. Vendo o seu nervosismo, resolvi interromper.

— O que vai querer?

Leandro demorou a me encarar, e, quando o fez, a carranca estava de volta.

— Vou te acompanhar esta noite.

Pedi ao garçom uma água para ele e cerveja para mim, além de alguns petiscos. Afinal, eu também era filha de Deus. Leandro ainda me encarava como se eu fosse uma louca. Eu estava agindo como uma, então, não poderia julgá-lo.

Estávamos próximos à pista de dança improvisada no centro do bar, e a música soava a todo volume. Imediatamente, me arrependi de ter levado meu chefe para aquele lugar. O que eu estava pensando? Eu tentava achar uma resposta lógica enquanto a cerveja gelada descia queimando por minha garganta.

Leandro me observava sem dizer uma única palavra. Os olhos arregalados analisavam todo o lugar enquanto ele se mexia na cadeira. Leandro estava inquieto e apreensivo, e mais uma vez eu me arrependi do que fiz.

Olhei para o meu chefe e entrei em pânico.

— Com licença — pedi, antes de me levantar.

Eu me sentia tonta: ou a cerveja tinha subido rápido demais ou eu estava perdendo o equilíbrio diante da presença de Leandro. A última opção me parecia a mais plausível.

Assim que levantei, meu estômago embrulhou: Maurício e Lúcia estavam sentados em uma mesa próxima à nossa. Os dois estavam com pessoas que eu considerava nossos amigos. Colegas de faculdade, da academia, inclusive, Renan, o melhor amigo do meu ex, que parecia ser o único que havia me visto. Ele me olhou espantado quando passei por eles, a caminho do banheiro. Meu peito se apertou, mas tentei me controlar. Eu não queria que Maurício visse o quanto sua traição me fazia sofrer. Não queria que ele vislumbrasse em meus olhos toda a mágoa que havia me causado. Respirei fundo, tentando lidar com os sentimentos que me dominavam naquele momento: dor, raiva, fracasso. Por mais que me machucassem, eram sentimentos que me afastavam do passado. Não havia mais amor, paixão, ciúme ou esperança. Tudo que um dia senti havia se transformado em um grande buraco, mas eu ainda me sentia traída.

Fazia dez minutos que eu tinha deixado Leandro sozinho na mesa. Não era justo com ele. Eu teria que sair uma hora ou outra e encarar todos.

Tentei fazer o meu caminho de volta sem ser notada, mas não funcionou.

Alexandre, um dos amigos de Maurício, me chamou assim que me viu passando.

Ele sempre foi ingênuo demais; não deve ter percebido que não era uma boa hora.

Acenei para ele, e todos da mesa me encararam. Imediatamente, Maurício tirou a mão da perna da Lúcia e se levantou. Entrei em pânico, não teria tempo suficiente para escapar se ele viesse em minha direção. Lúcia, por sua vez, me olhou com tristeza. Por sorte, antes que Maurício causasse mais algum estrago em minha vida, Renan interveio. Ele segurou o amigo e o obrigou a sentar. E eu teria que lhe agradecer por isso.

Voltei para a mesa e encontrei Leandro na mesma situação. Uma de suas pernas tremia, e ele batucava os dedos da mão, impaciente. Pensei em ir embora, mas o encontro com Maurício tinha me tirado o ar. Precisava de um tempo para me recuperar.

— O que aconteceu, Ali? — perguntou Leandro.

Levei as mãos à cabeça e respirei fundo. Tinha que manter a calma e não podia deixar a raiva me descontrolar, mas era quase impossível, pois a ferida ainda estava aberta.

Estava tão perdida nos meus pensamentos que levei vários segundos para assimilar o que Leandro havia falado.

— Como você me chamou?

Vi o arrependimento em seu rosto, mas ele não recuou.

— Vi o Marcos te chamar assim. Achei que combina com você.

Ele sorriu.

O sorriso de Leandro era como um prêmio dado a poucas pessoas, por isso, quando ele sorria para mim, era como se mil borboletas voassem em meu estômago. Era genuíno e verdadeiro. Ele nunca sorria para agradar, suas demonstrações de afeto não tinham segundas intenções. Leandro, ao contrário de Maurício, era sincero e verdadeiro. Em suas duas personalidades.

Resolvi desabafar: — Meu ex está aqui. — Leandro arregalou os olhos. — Com a menina com quem me traiu.

A expressão em seu rosto mudou. Primeiro, ele olhou para trás, tentando descobrir quem era Maurício. Não sei se percebeu, mas naquele momento ele olhava em nossa direção. Leandro colocou as duas mãos sobre a mesa e ficou assim por alguns segundos, sem dizer nada. O peito subia e descia com a respiração acelerada. De repente, se levantou, estendeu a mão e perguntou: — Vamos dançar?

Pisquei algumas vezes, sem acreditar nas palavras que ouvia.

Segurei sua mão e levantei. Ele apertou a minha mão com força, como um sinal de que estava comigo e não me deixaria. Ao passarmos por Maurício, Leandro entrelaçou os dedos aos meus. E eu quase me derreti.

Caminhamos até a pista de dança, desviando das pessoas, e começamos a nos movimentar. Leandro me colocou de costas para ele, colando o corpo ao meu.

Eu não sabia o que fazer, pois sua atitude me pegou de surpresa. Suas mãos pousaram em minha barriga, me apertando contra ele. Os lábios acariciavam meu pescoço, e as palavras sussurradas em meu ouvido eram como beijos.

— Eu te levo esta noite. Apenas se solte.

Foi o que eu fiz.

Relaxe e deixei que ele me guiasse. Esperava qualquer coisa, menos que ele fosse um dançarino maravilhoso. Seu corpo levava o meu como se fôssemos apenas um. Suas mãos deslizavam sobre mim, acariciando minha pele. Sentia arrepios constantes. Estávamos tão próximos. Uma de suas mãos segurou meu cabelo de forma bruta, inclinando meu pescoço para que seus lábios se aproximassem. O roçar de sua barba em minha pele era excitante e provocante.

Céus! Eu o queria tanto que sentia calafrios.

Não havia mais ninguém naquele lugar, apenas nós dois.

O desejo que sentia era tanto que comecei a rebolar contra ele.

Leandro gemeu, esfregando-se em mim. Pude sentir sua ereção, e aquilo fez minha respiração acelerar. Sua mão puxou de leve minha blusa, e os dedos atravessaram o tecido. Assim que senti sua pele na minha, foi minha vez de gemer. A sensação causada por um simples toque foi desesperadora. Eu me virei, e ficamos de frente um para o outro. Ele estava com os olhos fechados, a expressão era de pura luxúria, desejo. Segurei seu rosto e o beijei. O beijo que ansiava desde aquela manhã. Ele estava entregue. Aquele homem tão lindo e sombrio era todo meu naquele momento. Corpo e alma.

Ele retribuiu, segurando minha cintura e me puxando para mais perto.

Eu ia morrer.

O beijo começou intenso. Nossas bocas se colidindo com urgência. Gemi quando sua língua encontrou a minha. Leandro me segurou pela nuca, controlando os movimentos. Me deixei levar. Ele exigia tudo de mim. Minha boca, meus lábios, meu ar. Dei tudo a ele. Mordisquei seu lábio inferior e senti que ele estava cada vez mais excitado. Eu também estava. Eu o queria, e já não restavam mais dúvidas. Em um movimento involuntário, minha mão tocou sua ereção. Aquilo o fez despertar. Seus olhos se abriram e me encararam. Vi neles o mesmo vermelho de seus cabelos. Fogo... puro desejo. Leandro me observava como se eu fosse uma alucinação. Ele me queria, e eu ansiava por ele.

— É melhor a gente ir. — A voz contida me fez acordar. Era como se outro Leandro tomasse o corpo que antes me tocava com veneração. Não era ele. Suas palavras não condiziam com

o seu olhar, com suas atitudes.

— É — respondi.

A decepção tomou conta de mim.

Toda a tensão sexual de segundos antes se dissipou. Leandro segurou minha mão novamente, e eu tentei me afastar, mas ele não deixou. Ele apertava meus dedos de uma forma que não havia como escapar. Passamos pela mesa do Maurício, mas eu não me importava se ele estava lá ou não. Meus olhos estavam grudados nas costas de Leandro, que me guiava friamente entre as pessoas, totalmente impaciente.

O *pesadelo* estava de volta.

CAPÍTULO 08

LEANDRO

O caminho para casa parecia mais longo que de costume. Eu não conseguia olhar para Alice sem perder o pouco do juízo que ainda me restava, por isso fiz o trajeto em silêncio. Parte de mim queria esquecer o que acabara de acontecer, mas a outra parte não poderia sequer pensar na possibilidade de ser esquecido por ela.

Quando chegamos ao bar, eu entrei em pânico. O som retumbava em minha cabeça. Tentava me concentrar, focar em Alice, mas era tudo muito difícil.

Porra! Porra!

Eu odiava aquela sensação. O fracasso tomando conta de tudo. Sentia-me impotente. E esse sentimento há muito tempo estava adormecido. Aprendi a não me importar com muita coisa. A restringir meu círculo de amizades. Estava cansado de me esforçar para agradar todo mundo, para ter uma vida normal, por isso, ter apenas empregados à minha volta funcionava muito bem. Eu não precisava fazer nada, apenas depositar os salários no fim do mês.

Porém, eu me surpreendi quando meu coração quase saltou do peito ao ver aquela menina na minha casa. Ela não percebeu que eu a observava enquanto admirava o meu quadro. Parecia ter sido transportada para a pintura, assim como eu me sentia quando pintava. Via em seus olhos a admiração que sentia pelas cores. As minhas cores! Aquilo me fascinou. Ela parecia entender a dor que senti ao pintar, cada sentimento que transpus para a tela. Eu fiquei olhando por um bom tempo, fascinado pelo brilho dos seus olhos ao seguir cada linha que eu havia pintado.

Eu sabia quem ela era. Sabia que era a estudante que ia escrever a minha biografia, mas não conseguia lembrar seu nome. Eu havia esquecido. Assim como esquecia endereços, telefones, reuniões e, sobretudo, palavras. Elas desapareciam a todo o momento sem que eu tivesse controle. Escapavam entre os buracos da minha mente. Eu não conseguia impedir. Por algum tempo, eu tentei, mas no fim, desisti e resolvi aceitar que eu nunca seria completo. Parte de mim sempre estaria esquecida.

A irritação por não conseguir lembrar me fez explodir, e agi como o idiota imprestável que eu era. Mas ela não se assustou, pelo contrário, revelou-se uma mulher extremamente corajosa. Depois que me contou sobre o canalha do ex-noivo, eu a admirei mais ainda. Sua força e determinação eram louváveis. Ela não olhou para trás, não se prendeu ao passado. Ela era vida pura.

Alice mexeu comigo desde o primeiro dia, e eu não sei como aceitei que ela ficasse. A verdade era que eu queria me sentir vivo também. Esquecer os fantasmas do passado e seguir em frente. Mas eu sabia que aquilo era quase impossível, meus monstros me perseguiram diariamente.

Eu agi mal. Muito mal. O que aconteceu hoje era a prova disso. Eu só queria que o imbecil percebesse o quão burro tinha sido ao traí-la. Quem, em sã consciência, trocaria Alice por outra?!

Quando eu a segurei nos braços e senti o seu corpo junto ao meu, o desejo explodiu dentro de mim. Fiquei louco! Eu só conseguia pensar em como seria abrir suas pernas e me enterrar tão profundamente em seu corpo que nada seria capaz de nos separar. Queria que ela me olhasse como olhava meus quadros. Que me segurasse sem nunca mais me soltar.

Quando ela me beijou, senti o mundo desaparecer. Ela me beijava com tanta intensidade que por um momento esqueci onde estávamos. Seus lábios doces traziam o amargo do álcool que havia bebido. Era a primeira vez em muito tempo que sentia esse gosto, mas não vacilei. Eu só conseguia focar na mulher maravilhosa que estava em meus braços, e em quão doce era o seu beijo. A minha ereção estava incontrolável. Sentir Alice tão próxima tirou o pouco do juízo que ainda me restava. Eu queria trepar com ela até que o tempo não fizesse mais sentido. Quando sua mão roçou meu pau, eu achei que ia explodir. E eu explodi.

Não em um orgasmo, mas explodi.

Eu a queria!

— Que puta. — Escutei alguém dizer.

Aquelas palavras me despertaram. Me fizeram acordar para a realidade de onde estávamos e do que estávamos fazendo. Quando abri os olhos, ainda vi Alice perdida no tesão que nos envolvia. Fiquei fascinado ao perceber que não era apenas eu que sentia. Ela também estava entregue ao momento. Porém, as pessoas à nossa volta nos encaravam. Fiquei nervoso, queria socar cada uma delas e depois quebrar minha própria cara na parede por ter exposto Alice daquela forma. Quando eu a chamei, ela abriu os olhos, e o que vi neles me deixou ainda mais transtornado: era desejo puro. Por mim, somente por mim. Ela praticamente se derretia em minhas mãos.

Alice não percebeu as pessoas nos olhando, nem viu quando o ex foi arrastado para fora do bar pelos amigos. Ele vinha em nossa direção, como se fosse me matar com as próprias

mãos. Desejei que ele viesse. Queria me vingar por ele ter machucado Alice. Era um sentimento diferente, não era ciúme, era proteção.

Queria envolver Alice em meus braços para que ninguém pudesse magoá-la.

Sorte dele!

Alice não se importou se ele estava lá ou o que havia pensando do nosso beijo nada inocente; ela apenas me encarava, como se mergulhasse em minha alma à procura dos meus segredos. Eu admirava a sua coragem, mas não a arrastaria para o meu mundo. Nunca daria certo, ninguém tinha paciência com um doente desequilibrado.

Eu até poderia me esquecer de muitas coisas, mas jamais deixaria que aquele beijo se apagasse da minha memória.

CAPÍTULO 09

DUZENTAS E SESSENTA FLORES.

Era o número que havia contado diversas vezes enquanto olhava para o gesso do teto do quarto. Dormir estava fora de cogitação. Eu repassava o dia em minha mente, tentando entender o que havia acontecido, mas não chegava a uma conclusão. Quero dizer, eu só sabia de uma coisa: Leandro Franz me enlouqueceria.

Eu lutava contra sentimentos conflitantes. Eu não havia esquecido o que Maurício me fez. A dor da traição ainda queimava todos os dias em meu peito.

Ainda chorava.

Ainda sofria.

Ainda me perguntava *por quê?*

Eu amava Maurício. Confiava em seu amor. Acreditava em nós. Com ele, me sentia segura e calma. Era como se estivesse em uma viagem de trem. O destino era certo, e o assento, confortável, mas eu esqueci que, às vezes, uma parada repentina pode mudar tudo. Eu descii sozinha em uma estação. Apenas eu e meus sonhos. E agora não sabia para onde ir. E estar tão perto de Leandro não estava me ajudando a achar um rumo, pois ele é totalmente o contrário de tudo que conheci. Leandro se esconde, e, pelo que entendi, são poucas pessoas — ou nenhuma — capazes de encontrá-lo. Eu podia sentir o medo reverberar em seu corpo. Isso me deixava aflita. Eu queria saber mais sobre ele. Mais do seu passado. Mais do seu mundo. Queria ver além de suas cores. Mesmo em dias coloridos, seus olhos permaneciam em tons escuros.

Leandro me olhava com tanta intensidade que eu sentia ser capaz de passar por qualquer coisa. Ele não era alguém que eu usaria para esquecer o Maurício.

Ele era o homem que me enlouquecia, que despertava em mim sentimentos que eu não vivera até então. Leandro despertava todos os meus desejos. Eu não conseguia parar de pensar nele. Depois do beijo que trocamos, tive certeza de que ele sentia o mesmo por mim. A mesma paixão que fazia meu coração disparar também brilhava nos olhos de Leandro. E isso era mais que perigoso: era tentador.

Eu estava disposta a testar os limites dos meus sentimentos. Queria entender o que estava acontecendo, mas seria irresponsável se o fizesse. Não estaria arriscando apenas o meu

coração, mas também o meu emprego.

Levantei cedo preparada para passar o final de semana fora de Curitiba, havia decidido visitar meus pais, queria conversar com eles pessoalmente sobre a separação.

O silêncio ainda predominava em toda a mansão, o que fazia com que ela parecesse ainda maior, e ainda mais solitária.

Ao sair do quarto, escutei um som vindo do estúdio. Fiquei preocupada, pois o dia mal havia clareado. Devia seguir o que planejara e me afastar, mas fui até o estúdio. Quando abri a porta, imediatamente senti o coração ser arrancado do peito.

Leandro estava de frente para uma grande tela. Pinceladas começavam a dar cor a uma de suas obras. Usava a mesma roupa do dia anterior, o que chamou a minha atenção. Estava descalço, os músculos das costas largas subiam e desciam ao ritmo de sua respiração.

Olhei em volta e percebi que tinha passado a noite em claro, pintando: havia cerca de dez telas espalhadas pelo estúdio, todas no mesmo tom. Todas escuras e, de certa forma, sombrias.

Sem perceber, soltei um suspiro.

Então, ele se virou.

Meu coração parou.

Ele me encarou com a intensidade que eu já conhecia, mas com a qual eu não me acostumava. O cabelo estava bagunçado, os fios acobreados emoldurando o rosto coberto de suor.

Minha pele se arrepiou. Leandro me deixava inquieta. Era perturbador.

Os olhos dele deixaram o meu rosto e pousaram na mala ao meu lado.

Quando levantou a cabeça, sua expressão não era mais a mesma.

— Você está indo embora? — perguntou, irritado.

Qual é o problema dele?

— Você não dormiu?

— Posso fazer isso por dias. E então? — Estava impaciente. — Desistiu?

Depois de longos segundos de silêncio, consegui entender o que ele queria dizer.

— Não! Não! — Apressei em me explicar. — Vou visitar meus pais no interior.

Imediatamente os vincos que haviam se formado em sua testa se desfizeram.

O comportamento da noite anterior estava me deixando louca. Eu precisava saber por que ele havia me beijado e depois agido como se não tivesse acontecido nada.

— Sobre ontem... — engasguei.

Leandro se virou, ficando novamente de costas para mim.

— Não aconteceu nada. Eu apenas tentei ajudar você a se vingar do seu namoradinho.

Ele estava brincando, só podia ser. *Nada* realmente não era uma palavra que pudesse definir o beijo que trocamos. Pelo menos, não para mim. Eu me recusava a acreditar que tudo tinha sido uma encenação. Que ele não tinha sentido o mesmo que eu. Era impossível!

— Devo agradecer, então? — debochei.

— Não precisa. Não foi um sacrifício.

A conversa estava indo de mal a pior. A cada segundo minha raiva aumentava, e seu comentário foi a gota d'água para fazê-la transbordar. Peguei minha mala do chão e saí. Bufava de raiva. Passei a noite em claro pensando no que estava acontecendo, e Leandro simplesmente agia como se não tivesse acontecido nada.

Antes de chegar ao portão, senti meu braço ser puxado.

— Não sei o que você está pensando, mas o que aconteceu ontem não vai se repetir, Alice.

— Acho que isso ficou bem claro, já que não aconteceu *nada*. — Puxei o braço para ele me soltar.

Ainda sentia seus olhos presos a mim quando entrei no táxi que me esperava.

Não compreendia sua relutância em reconhecer que o que tinha acontecido era de verdade.

Instintivamente toquei os lábios, lembrando o quanto foi bom sentir o gosto de Leandro. Pelo visto, isso ficaria apenas em minhas lembranças.

CAPÍTULO 10

A SITUAÇÃO ERA ESTRANHA Eu fingia não me importar, mas ele passou a sair todas as noites. Não sabia se a sensação amarga que experimentava era ciúme ou rejeição. Não falamos mais no beijo, e eu tentei não pensar mais nisso, mas era difícil.

Estava chegando o fim do meu mês de experiência, e também o final do prazo para concluir a biografia que, aliás, estava uma merda. Tinha escrito apenas mais do mesmo. Apaguei e reescrevi diversas vezes o primeiro capítulo e nunca me sentia satisfeita. Pelo menos, com as entrevistas, Leandro estava colaborando.

Por isso, assim que caiu a noite, resolvi falar com ele. Diante da porta do escritório, hesitei. O que eu estava fazendo? Ou melhor: o que eu estava sentindo? Leandro deixou bem claro que o que aconteceu não significou nada para ele, e, mesmo assim, eu estava obcecada por ele. Talvez porque não acreditasse em nenhuma palavra do que ele dizia. Eu via em seus olhos, sentia em seu corpo, que vibrava toda vez que eu me aproximava. Cada dia estava mais conectada ao seu mundo, mais misturada a suas cores.

De repente, algo se acendeu dentro de mim: eu estava apaixonada! O pânico me deixou sem ar. Pensei em voltar para o quarto, mas desisti ao escutar a voz de Leandro saindo de dentro do escritório.

— Às... às veeezes... — Pausa. — É pre-ci-ci-so falar um... pouco, não... não acha? — Ele repetia fazendo uma longa pausa, respirando entre uma sílaba e outra. Então, continuou: — No entanto... entanto... para servir às... às...

preferências de certas pessoas, a conversa-sa-ção deveria ser en-ta-bu-la-da com... o menor núuuumero possível de palavras.

Eu não entendia porque Leandro falava daquela forma. Era como se ele não conseguisse pronunciar as palavras. Na primeira noite que passei na mansão, também escutei ele falando assim.

Dominada pela curiosidade, eu abri a porta. Leandro se assustou, fechando o livro que tinha nas mãos. Então, me fuzilou com o olhar. *Que dúvida!*

— Posso saber o que está fazendo aqui?

Seus olhos faiscavam raiva, mas tentei ignorar.

— Era Jane Austen? “Às vezes, é preciso falar um pouco, não acha? No entanto, para servir às preferências de certas pessoas, a conversação deveria ser entabulada com o menor número possível de palavras”.

— Diga logo o que quer, Alice.

Minhas pernas vacilaram diante de sua arrogância. Não havia motivos para ele me tratar daquela forma. Não que eu soubesse.

— Preciso fazer algumas perguntas para concluir a biografia.

— Então faça logo — disse ele, curto e grosso.

Determinada, caminhei até a mesa e me sentei na frente dele. Leandro parecia mais velho, transbordando angústia.

— Gostaria de falar sobre sua infância. — Abri meu bloco de anotações, pronta para escrever. — Sobre os seus pais e sobre como foi descobrir o talento para a pintura.

Ele não respondeu imediatamente, então, levantei a cabeça para observá-lo.

Seus olhos estavam vidrados em mim, o rosto pálido e a expressão séria. Sabia que tocara em um assunto delicado. Já tinha percebido que ele não gostava de falar sobre a infância, mas precisava saber mais sobre Leandro. E a biografia era a desculpa perfeita.

— Minha mãe era artista plástica. Nunca conheci ninguém tão talentosa. Em suas mãos, a argila tomava formas inimagináveis. Todas as vezes que a via criando, era como se uma nova vida surgisse. A arte fluía em suas veias, como sangue, bombeando o amor que ela tinha por viver.

— E seu pai? — Leandro estava se abrindo, e eu não perderia essa oportunidade.

— Empresário americano. Mudou-se para Seattle.

Sua voz soava melancólica, como se lutasse contra a saudade.

— E como você descobriu o talento para a pintura? Foi influência dela?

— Não! — respondeu ele, seco.

— Hummm... na escola? — insisti.

— Não! Olha, Alice, podemos parar por aqui. Eu disse que cederia a entrevista para o seu trabalho, mas também avisei que responderia apenas as perguntas que achasse conveniente.

Fiquei surpresa com a agressividade dele.

— As pessoas vão gostar de saber como Leandro Franz despertou para o mundo.

Ele estava inquieto, remexendo-se a todo o momento. Olhava de um lado para o outro, nervoso, sem conseguir me encarar. Por alguns segundos ficou assim, perdido em seus pensamentos.

— Leandro?

— Diga a elas que o desespero é o combustível para muitas coisas. Quando estamos perdidos, nos apegamos ao que está ao nosso alcance, tentando não cair, buscando força para nos reerguermos. Foi assim comigo. Quando a esperança desapareceu, somente as cores conseguiram me tirar da escuridão.

Estava perplexa, queria entender o que se passava em sua cabeça, por que ele dizia aquilo, mas, quando se levantou, dirigindo-se para a porta, eu entendi que a entrevista tinha acabado. Ele segurou a porta aberta, e caminhei até ela, mas, antes de sair, a coragem falou mais alto.

— Por que não deixa as pessoas entrarem?

— Porque geralmente elas decidem não ficar, então, me poupa tempo.

Olhei em seus olhos e percebi que Leandro era mais solitário do que eu imaginava. Por trás da arrogância, transmitia uma tristeza sem fim, que o impedia de se abrir para o mundo.

Na manhã seguinte, enquanto organizava alguns relatórios sobre a exposição de São Paulo, vi que Leandro saiu com Marcos. Vestia calça social e blazer, e, imediatamente, me apavorei. Procurei na agenda para ver se tinha esquecido algo, mas não havia nada marcado para aquele horário.

Antes de começar a trabalhar na biografia, fui até o escritório. Em cima da mesa, ainda estava *Orgulho e preconceito*. Acaricieei a capa do livro, sentindo a textura do couro. Era uma edição de colecionador, assim como diversas obras da estante. Ao colocar o livro sobre a

mesa, um envelope aberto chamou a minha atenção. Eu não deveria ler.

LAR INFANTIL PEQUENAS ESTRELAS

Era um convite.

Um orfanato convidava Leandro para a inauguração de uma nova ala. Um espaço dedicado às artes. Aquilo me impressionou, mas não tanto quanto o fato de que o orfanato daria o nome de Leandro Franz ao espaço. Ele estava sendo homenageado naquele momento, e eu não sabia de nada. Gravei o endereço e coloquei o envelope de volta sobre a mesa.

Leandro não chegava, e a curiosidade me fazia andar de um lado para o outro no quarto. Eu não conseguia pensar em mais nada, a não ser em descobrir porque ele não havia comentado sobre o orfanato e a homenagem.

Vencida pela inquietação, resolvi agir. Talvez se descobrisse o que atormentava Leandro, eu conseguiria me aproximar dele.

Deus! O que eu estava fazendo?

Eu realmente não sabia, mas já estava envolvida demais para parar. Eu tinha que continuar, mesmo que me arrependesse. Precisava, pelo menos, tentar vencer as barreiras que Leandro impunha.

Uma hora depois, eu já estava na porta do orfanato. Pela movimentação, deduzi que a inauguração da tal ala já havia ocorrido. Nenhum sinal do carro de Leandro, o que me fez suspirar aliviada. A casa ficava em um bairro afastado de Curitiba, era uma propriedade de porte médio. Tinha um grande jardim na frente e, ao lado, um parquinho para crianças.

Respirei fundo e toquei a campainha.

Uma mulher alta, de cabelos grisalhos, que vestia um terninho escuro, me recebeu.

— Boa tarde! — cumprimentou ela, sorrindo.

— Boa tarde. Meu nome é Alice e sou estudante de jornalismo — menti. — Fiquei sabendo sobre a inauguração e queria muito conhecer um pouco mais sobre o orfanato.

Nem era tão mentira assim. Eu realmente queria escrever sobre o Lar Infantil.

— Ah, que pena — lamentou. — A inauguração da ala *Leandro Franz* aconteceu há pouco. Sinto muito que não chegou a tempo.

Engoli em seco.

— Será que você não poderia apenas me mostrar a nova ala?

Ela me olhou um pouco indecisa.

— Por favor.

Um sorriso surgiu nos lábios da mulher diante da minha súplica, então, ela se afastou, me dando passagem.

— Temos apenas cinco minutos. Aliás, eu sou Matilde, coordenadora do Lar há mais de quinze anos.

Eu a cumprimentei e a segui.

Pelo jardim, chegamos a um anexo da casa. O local era todo envidraçado e lembrava muito o estúdio de Leandro. Seria coincidência? A cada segundo, eu me surpreendia com uma nova teoria.

O estúdio estava totalmente equipado. Telas brancas, tintas, pincéis, cavaletes... tudo que um artista precisa para fazer sua mágica.

— É lindo!

— Sim, é. Nossas crianças ganharam um grande presente. A arte ajudará na inclusão social. Muitas estão aqui há anos, e algumas já perderam a esperança de encontrar uma família. Espero que elas possam, por meio da arte, encontrar um caminho para seguir. Assim como Leandro fez.

Quando tocou no nome dele, eu me arrepiei.

— Ele deve ser um bom homem para fazer algo tão especial.

Não sabia por quê, mas minha voz estava embargada.

— Mais do que isso. Leandro é um exemplo para todas essas crianças. Cada uma delas vê nele a esperança de um dia conseguir vencer na vida.

Enquanto ela falava, eu analisava uma grande foto exposta na parede. Era Leandro, rodeado de crianças. Ele estampava um grande sorriso, assim como os pequenos ao redor. Era o sorriso mais genuíno que já vira em seu rosto.

— Ele viveu aqui? — perguntei, atordoadas.

— O quê?

— Leandro já foi uma das crianças do Lar?

A forma como ela falava, como se referia a Leandro, não deixava dúvidas.

— Seus cinco minutos terminaram. Infelizmente, não posso responder à sua pergunta.

A mulher foi até a porta e me deixou sozinha no estúdio. Olhei mais uma vez a foto de Leandro. Matilde não me respondeu, mas ela não precisava, tudo estava bem claro.

Assim que saí do Lar, percebi que estava atrasada para uma reunião com uma galeria que tinha interesse em expor as obras de Leandro. O encontro aconteceria em dez minutos, e eu nunca chegaria a tempo. Tentei ligar várias vezes para Leandro do táxi, mas o celular estava desligado, então mandei uma mensagem.

Quando cheguei à galeria, encontrei Marcos recostado ao carro, do outro lado da rua. No momento que me viu sair do táxi, seus olhos se esbugalharam e ele caminhou em minha direção. Sua expressão era assustadora.

— Onde você estava, Ali? O Leandro está louco atrás de você.

— Ele está muito bravo pelo atraso?

— Está de brincadeira? — Levantou uma sobrancelha e completou: — Ele está achando que você foi embora.

Parei na porta da galeria, sem reação.

— Eu mandei uma mensagem avisando sobre o meu atraso.

Marcos coçou a cabeça, impaciente.

— Você deveria entrar. A reunião começou há vinte minutos.

Entrei depressa e dei de cara com um par de olhos azuis me encarando, com um misto de surpresa e raiva.

— Desculpem pelo atraso.

Leandro e mais dois homens me encararam.

— Sente-se, Alice — ordenou meu chefe. — Alberto, esta é Alice, minha assistente pessoal.

Cumprimentei Alberto e o seu sócio. Então, sentei ao lado de Leandro, me sentindo intimidada pelo seu olhar.

— Poderia, por gentileza, mostrar aos senhores as últimas telas catalogadas?

Ele estava sendo sarcástico, mas não era o momento de reagir.

— Claro!

Durante uma hora mostrei todos os quadros de Leandro enquanto ele falava sobre cada um deles. Percebi que havia algo diferente, Leandro estava mais nervoso do que de costume. Transpirava como nunca, não parava quieto, trocava os nomes dos quadros, as datas em que foram pintados.

— Desculpem... — disse ele. — Não estou me sentindo bem. Terminamos a reunião outro dia.

Olhei para ele, sem entender. Ele saiu, e tive que me esforçar para alcançá-lo.

Antes de atravessar a rua, Leandro parou a poucos centímetros de mim e pude sentir sua respiração. Os olhos se cravaram em mim.

— Nunca mais faça isso.

— Isso o quê?

Ele deu um sorriso triste e segurou meu queixo. Derreti com seu toque. Virei levemente a cabeça e deixei que meu rosto descansasse em sua mão.

— Nunca mais desapareça.

Sua expressão era tão séria, tão cansada que eu sequer lembrava que diante de mim tinha um

jovem de apenas 25 anos. Era como se outra alma habitasse aquele corpo.

— Eu te mandei uma mensagem.

A frase levou o sonho e trouxe o pesadelo de volta. Estava perdida entre a frustração e o desejo.

— Vá com o Marcos. Pegarei um táxi.

— Aonde você vai?

— Não é da sua conta.

Era como se eu tivesse levado um soco no estômago. Eu queria chorar, mas me recusei a derramar uma única lágrima por um homem que não fazia o menor sentido. Leandro me deu as costas e entrou no primeiro táxi que apareceu. Eu fiquei ali, em pé, tentando compreender o que estava acontecendo, até que Marcos se aproximou e me abraçou.

— Dê um tempo a ele.

— Por que eu acho que vocês estão me escondendo algo?

Marcos deu de ombros, como se aquilo não fosse nada.

— Porque provavelmente estamos. Olha... — Ele me fez encará-lo. — Leandro já sofreu muito na vida. Ele experimentou dores que talvez a maioria das pessoas desconheça, por isso ele não permite nenhuma aproximação. Não ache que o problema é você. É meio clichê dizer isso, mas o problema é ele.

Entrei no carro. Fiz todo o trajeto tentando encaixar mais aquela peça no quebra-cabeça que era a vida de Leandro.

CAPÍTULO 11

ESPEREI POR LEANDRO O RESTANTE DO DIA, MAS ELE NÃO

APARECEU.

Tinha decidido ir embora. Tudo estava estranho demais. Eu não queria isso, nunca tinha sido a minha intenção. Tudo que eu queria era terminar o projeto da faculdade e, talvez, continuar com o emprego que eu aprendi a amar, apesar do temperamento de Leandro. Descobri um novo mundo, o mundo das artes, onde podemos expor nossos sentimentos sem medo. Quando estava entre as telas de Leandro, sentia que eu podia ser eu mesma.

Já estava me preparando para dormir quando escutei batidas na porta do quarto. Abri, e Leandro estava parado ali, segurando no batente. Seus olhos passearam pelo meu corpo, e eu me senti nua diante dele. Sua boca se entreabriu, e, quando ele expirou, senti o cheiro de álcool impregnar o ar.

— O que aconteceu?

— Você?

— Eu o quê?

— Você aconteceu — disse ele, com a voz levemente embriagada.

Eu o puxei para dentro e o sentei na cama, mas ele se levantou, me segurando contra ele.

— Você está bêbado, Leandro.

Um sorriso envergonhado tomou seu rosto.

— Eu queria ganhar coragem. — Pisquei sem entender do que ele falava. — Eu quero tanto você que sinto que vou explodir.

Meu coração disparou, e, por uma fração de segundo, achei que tudo ficaria bem. Ele estava ali, se abrindo para mim. Era tudo que eu queria.

— Eu também quero você.

Dessa vez ele bufou, e sua risada soou irônica.

— Você não sabe o que está falando. Vai por mim, uma hora ou outra você vai se cansar também.

— Eu não sei o que você quer dizer com isso.

Leandro eliminou a distância entre nós, e, sem pedir licença, sua barba fez cócegas ao tocar minha pele. Meus dedos se enroscaram em seus cabelos, segurando sua nuca. Ele soltou um gemido e cravou as mãos em minha cintura, me jogando na cama. Em cima de mim, ele começou a beijar meu pescoço, me deixando cada vez mais excitada.

— Você é tão cheirosa. Tão linda. Tão inocente. Seus olhos são como sonhos que me fazem querer mergulhar neles e nunca mais sair. Eu senti que estava ferrado quando vi você no primeiro dia. Estou tão apaixonado que a sensação é que te conheço há anos.

Eu queria chorar. Lágrimas pinicaram meus olhos, mas eu me segurei para não desmoronar diante dele. Me sentia da mesma forma. Cada vez que Leandro me olhava, era como se houvesse uma ligação inexplicável entre nós.

— Por que você age assim? Por que me afasta?

Seus lábios tocaram de leve os meus.

— Eu só não quero te envergonhar. Você é tão inteligente.

— Leandro...

— Shhhh... — Ele colocou um dedo em minha boca. — Só por hoje. Seja minha agora, e eu me entregarei completamente a você.

Nós nos encaramos, e as palavras não eram mais necessárias. Tomei a iniciativa e o puxei contra mim. Nossos lábios colidiram, e deixei que sua língua brincasse com o canto da minha boca. Seu corpo pesava sobre o meu, me deixando presa.

— Seu gosto é a melhor coisa que já provei.

Ele escorregou, beijando meu pescoço e colo. Eu gemia, tamanha era a excitação que me consumia. De repente, ele parou e me encarou enquanto a mão descia a alça da camisola, desnudando um dos meus seios. Seus olhos desviaram para a pele exposta, os mamilos pontudos. A língua molhou os lábios, me fazendo tremer. O olhar era tão intenso que me queimava. Os lábios sugavam meu seio devagar, acariciando o mamilo. Estava excitada.

— Leandro... — supliquei quando ele segurou o mamilo entre os dentes.

Ele riu baixinho, sabendo exatamente o que estava fazendo. A outra alça da camisola caiu, ele segurou o outro seio com firmeza e repetiu o que tinha feito antes. A mesma intensidade, o mesmo prazer.

— Tão perfeita!

Enquanto me olhava, sua mão invadiu a calcinha. Arfei de excitação quando ele me acariciou. Meu corpo tremia e parecia que o quarto inteiro girava.

— Está molhada? — Um sorriso safado serpenteou o meu rosto.

— Hummmmm — gemi apenas.

Devagar, ele enfiou um dedo em mim. Os movimentos eram contidos, mas alcançavam o ponto certo para me fazer querer mais. Os olhos nunca deixavam os meus, sempre me encarando. Um segundo dedo se juntou ao primeiro, indo mais fundo, me dando um prazer indescritível.

— Isso é tão bom — falei, com a voz entrecortada. Eu ia quebrar nas mãos dele, ou melhor, em seus dedos.

— É perfeito.

Eu queria tocá-lo, então, deixei que minha mão viajasse até a calça que ele vestia. Assustei-me quando percebi o tamanho da ereção. Por cima do tecido, eu o acariciei; minha boca salivando de vontade de tê-lo em meus lábios. Leandro acelerou os movimentos, explorando também meu clitóris. Sentia que poderia gozar a qualquer momento, e não achava justo. Então, abri o zíper da calça, mas ele me deteve. Olhei sem entender, mas Leandro não respondeu. Ele passou a sussurrar palavras incompreensíveis em meu ouvido. Meu quadril se arqueou, ajudando seus dedos, que se movimentavam em um ritmo acelerado.

— Por favor... por favor... — implorei, ofegante.

Leandro obedeceu. Mais fundo e mais forte, senti meu abdômen se contrair e o orgasmo surgir. Era intenso, insano, inexplicável. Me entreguei a ele, à sua mão, às suas palavras. Ele beijava todo o meu corpo, onde sua boca conseguia alcançar. Sentime desejada, feliz, saciada. Quando retirou os dedos de dentro de mim, Leandro os levou a boca, provando meu gosto.

— Você é deliciosa. Sabia que seria.

— Preciso de você! — Fui firme, mas ele parecia hesitar. — Agora — completei, autoritária.

Ele piscou diversas vezes, sem acreditar no que eu acabara de dizer.

Meus lábios se abriram, em busca de ar. Leandro se livrou da calça, se rendendo ao meu pedido. Sentei na cama, e minhas mãos tocaram seu corpo.

Estava quente, pelando. Tracei cada tatuagem de seus braços, acariciando os desenhos como se fossem uma de suas telas. Espalmei os dedos sobre seu peito e senti o coração disparado. Leandro segurou minha mão, fazendo-a descer por seu abdômen. Me delicieei com sua rigidez, os músculos esculpidos... era tão sexy.

Explorei sua pele, e o provoquei antes de libertar sua ereção. Passei a língua por toda a extensão dela, me sentia poderosa.

— Devagar — pediu ele entre gemidos, jogando a cabeça para trás. — Isso, assim... que gostoso, porra.

Queria fazê-lo gozar, mas não tive a chance. Leandro me jogou na cama, e, instantes depois, eu o vi colocando a camisinha. Atirou o corpo sobre o meu, e sua boca encontrou a minha, que se abriu para recebê-lo com uma vontade incontrollável. O beijo foi a faísca que fez o fogo se acender em mim novamente, como se eu não tivesse gozado há poucos minutos. Suas mãos descansaram ao lado da minha cabeça, fazendo com que fosse impossível eu me mover.

— Gosto dos seus olhos. — Ele sorriu, fazendo meu coração quase parar.

— Gosto do seu sorriso.

Leandro me penetrou devagar. Me tomava enquanto sua língua provava minha pele. Abri mais as pernas, dando total acesso a ele. Seus olhos se estreitaram, e ele tornou a tomar meu seio em sua mão.

Gemi, e, em consequência, as estocadas tornaram-se fortes e profundas.

Cravei as unhas em suas costas. O barulho dos nossos corpos batendo ecoou por todo o quarto, aumentando o prazer, a luxúria. Arqueei o quadril, buscando mais dele. Queria profundidade. Ele prendeu meu lábio inferior entre os dentes, alternando lambidas e mordidas no canto de minha boca. Segurei o grito que se formava em minha garganta, tentava me conter, mas ele me castigava, tirava tudo de mim, cada sensação que meu corpo

produzia.

— Rápido, forte, por favor... — A minha voz estava irreconhecível, o desejo me dominando, me transformando. — Leandro, Leandro... — Disse seu nome quando meu corpo estremeceu. Me entreguei ao orgasmo poderoso. Meu corpo estava cansado, os olhos nublados pela saciedade, a mente perdida no prazer que havia sentido.

Leandro ainda me possuía. Sua boca colou em meu ouvido, murmurando elogios, dizendo o quanto me queria. Senti quando sua ereção inchou dentro de mim, me preenchendo totalmente. Suas estocadas se tornaram constantes, ritmadas, até que ele parou completamente. Senti os espasmos, seu corpo tremendo, sua respiração entrecortada. O suor colando seu peito em minha pele, seus dedos entrelaçados com os meus. Leandro gozou, e eu me entreguei à perfeição do momento, saboreando as sensações, delirando de prazer.

— Não consigo ficar longe de você, e isso me assusta — murmurou ele, me beijando.

Encarei seus olhos. Leandro me olhou com tristeza, e aquilo acabou comigo, não queria lhe fazer mal.

— Estou apaixonada. Não sei por que, como e quando, mas eu me apaixonei por você, Leandro. E, sim, também estou assustada, pois eu não consigo te decifrar. Você é inconstante. Ao mesmo tempo que me trata com frieza, me acaricia com palavras gentis. Eu nunca sei como será o meu dia, pois nunca sei como estará o seu humor. Isso me apavora.

Ele se levantou, me deixando na cama. Vestiu a calça e jogou a camisa sobre o ombro, sem dizer uma única palavra. Antes de chegar a porta, eu o chamei: — Precisamos conversar. Não dá mais para continuarmos assim. Pare de fugir.

— Não estou preparado para a sua piedade.

De que porra ele falava?

Estava frustrada com a sua reação, cansada de segredos. Desejava que ele compartilhasse seus medos comigo, que confiasse em mim. Queria que ficasse, dormisse ao meu lado, fizesse amor comigo até o dia amanhecer, mas, pelo jeito, Leandro era do tipo que comia suas assistentes na calada da noite e depois partia, como se nada tivesse acontecido. O arrependimento me invadiu. Já havia sido enganada uma vez, e, pelo visto, a história se repetiria.

CAPÍTULO 12

ACORDEI COMO SE TIVESSE SONHADO. O CHEIRO DE LEANDRO CONTINUAVA IMPREGNADO NOS LENÇÓIS.

Não foi um sonho. Eu transei com Leandro. Eu me entreguei de uma forma diferente, como havia muito tempo não fazia. Era paixão pura. Meu coração disparava ao lembrar das sensações que experimentei na noite anterior.

O relógio ainda marcava sete horas, mas não me importei.

Coloquei o primeiro vestido que vi pela frente, escovei os dentes e preendi os cabelos. Caminhei até o estúdio, pois sabia que o encontraria ali. Ele não escutou quando abri a porta, então, entrei em silêncio e o observei. Leandro estava estático, de frente para uma tela.

— Leandro... — Quando ele se virou, pude ver a tela. Levei as mãos a boca, consternada. Era a silhueta de uma mulher. Cabelos, rosto, corpo, tudo em tons de vermelho. Pinceladas incompreensíveis, mas que faziam todo o sentido para mim.

— Vou chamá-lo de *Alice*.

Pisquei algumas vezes, sem querer acreditar. Lágrimas rolaram pelos meus olhos. Chorei emocionada por Leandro ter se expressado à sua maneira, com suas cores. Era a resposta de que eu precisava.

Corri até ele e me joguei em seus braços. Leandro me suspendeu enquanto eu cruzava as pernas em suas costas. Beijeí sua boca, saboreando os lábios. Minha língua brincou com a dele, em uma dança sensual. Leandro me sentou sobre uma bancada, suas mãos me tocando em todos os lugares, manchando de tinta minha pele, roupas, alma...

Ficamos nus em poucos minutos. Ele me tomou ali, sem medos, em meio à sua arte, ao seu mundo. Eu me sentia desejada. Com Leandro, eu despertava o que havia de mais quente em mim. Eu não era a mesma. Era como se a vontade me consumisse. Era isso. Era paixão pulsando em minhas veias.

— Respira fundo, Alice — disse ele, enquanto me penetrava lentamente.

— Não consigo!

— Quer que eu pare?

— Por favor, não — implorei.

Então ele continuou a se mover dentro de mim. Leandro encostou a testa na minha, nossos olhos grudados, sua mão massageando meus seios, brincando com os mamilos.

Ele aumentou o ritmo, me penetrando com força, me fazendo gritar seu nome.

— Alice, puta merda, eu vou...

O corpo de Leandro tremeu antes que ele pudesse completar a frase. Senti minha pele se arrepiar. Apertei as pernas, sugando-o para dentro de mim. Eu ia me perder nele.

— Vem comigo. Juntos, agora.

O orgasmo veio forte, arrebatador. Leandro saiu devagar de dentro de mim e me colocou no chão. Ele me abraçou por alguns segundos, até que eu me recuperasse. Dessa vez, ele não fugiria de mim, das minhas perguntas. Parei na sua frente e o desafiei com meu olhar.

— Você é adotado?

— O quê?

A expressão de Leandro mudou, nem parecia o mesmo homem que estava entre minhas pernas, me tomando com perfeição.

— Eu fui ao Lar Pequenas Estrelas. Vi o convite em sua mesa e fui até lá. Por que esconde isso? Por que ninguém sabe?

Leandro passou a andar de um lado para o outro, a raiva surgindo em seu rosto. Ele transpirava cada vez mais. De repente, surtou, chutando as tintas que estavam no chão.

— Com que direito você mexeu nas minhas coisas? — gritou, enraivecido.

Meu corpo se encolheu, peguei o vestido no chão e o coloquei na frente do corpo.

— Está tudo bem. Pode confiar em mim. O que aconteceu quando você era criança já passou. Está tudo bem. Você está bem. Estamos bem.

Ele se aproximou, ficando a centímetros do meu rosto. Podia sentir o calor de seus lábios; os mesmos lábios que tinham tomado minha boca.

— Você não sabe de nada — disse, entre dentes. — Não tem ideia do que vivi, não sabe o que sofro diariamente, pelo que passo. Acha que pode chegar aqui com meia dúzia de palavras e dizer que vai ficar tudo bem? Tenho uma notícia para você, Alice: *não vai ficar bem*. Palavras não vão adiantar. Aliás, elas nunca servirão para nada.

— Leandro, por favor...

— VAI EMBORA! — gritou.

— Para de agir assim! — berrei de volta. — Para de me tratar como se eu não fosse nada!

— E você não é.

Meu coração parou. Pisquei várias vezes, sem acreditar no que ele me dizia.

— É mentira! Você é um filho da puta mentiroso, Leandro.

Ele me alcançou, segurando meus cotovelos, me prendendo no lugar, aprisionando meus olhos nos seus.

— Sai da minha vida! Vai embora, Alice. — O *pesadelo* estava de volta. O

olhar gélido, as palavras duras, o corpo tenso, tudo indicava que ele estava fora de si, perdido nos próprios pesadelos.

— Eu quero ficar.

— Por quê?

Fiquei confusa, pois tudo era muito novo. Meus sentimentos por Leandro ainda eram desconhecidos. Eu sabia que não era amor. Seria insanidade minha achar que eu o amava ou que ele me amava, mas tinha que confessar que algo fervia dentro de mim quando ele se aproximava. Estava apaixonada, era inegável.

Um sentimento devastador, que controlava os meus pensamentos.

— Preciso terminar a biografia.

Foi a pior coisa que eu poderia dizer. Leandro surtou. Afastou-se lentamente, mas ainda me encarava. Pensei em consertar a burrada, falar alguma coisa, dizer o que sentia, mas já era tarde. Ele passou as mãos pelo rosto, transtornado.

Quando me olhou, não vi um resquício sequer do Leandro que eu conhecera na noite anterior.

— É tudo que sou para você, não é mesmo, Alice? O passaporte para o emprego perfeito. É só isso que você quer de mim. Vai escrever como gozou gostoso no meu pau também? Vai?

Não pensei muito, apenas agi por impulso. Minha mão estalou em seu rosto.

Estava com ódio. Queria machucá-lo da mesma forma que ele fazia comigo, mas tinha a impressão de que a dor física que causei nele não chegava aos pés da humilhação à qual ele estava me submetendo.

— Sai daqui. Sai dessa casa e some da minha vida.

— Eu vou. — Respirei fundo antes de continuar: — Vou porque você é o maior idiota que já conheci em toda a minha vida. Você não passa de um riquinho mimado que acha que seus problemas são os únicos em todo o universo.

Mas quer saber de uma coisa, Leandro?

— Não quero.

— Foda-se! — falei, perdendo a paciência. — Você não é o único que tem problemas no mundo. Aprenda a lidar com o seu passado e pare de obrigar as pessoas a conviver com sua arrogância.

Ao me virar, vi que tínhamos plateia. Marcos e Paula estavam na porta, observando a discussão. Fiquei envergonhada, pois agora todos sabiam que eu tinha transado com o *Senhor Pesadelo*. Deviam pensar que eu era uma grande idiota, e eu não podia julgá-los, pois eles tinham razão.

Saí apressada, praticamente correndo. Eu queria ir embora o mais rápido possível. Queria ficar longe de Leandro antes que ele conseguisse causar mais algum estrago.

— Como pude me apaixonar por esse idiota? — Eu me perguntava em voz alta enquanto arrumava as malas.

— Porque esse idiota tem algo de bom. No fundo, bem lá no fundo, e você descobriu isso.

A voz de Paula soou atrás de mim, então parei para olhá-la.

— Ele é um babaca.

— Eu sei disso.

— Um grosso, filho da mãe.

— Isso também!

— Por que você defende ele, Paula? Leandro só sabe dar patada e berrar com todo mundo!

Ela sentou na cama e me puxou para que eu fizesse o mesmo. Suas mãos passaram a acariciar as minhas, me acalmando. Por um tempo, não disse nada, apenas esperou que eu me recuperasse.

— Algumas pessoas não são capazes de se livrar de seus fantasmas. Leandro tem vários fantasmas que o assombram. Para muitos, o que ele passa ou passou pode não ser motivo suficiente para justificar o seu comportamento, suas atitudes, mas cada um sabe a dor que sente e ninguém deve julgar a sua intensidade.

Eu entendia o que Paula dizia, porém, estava muito magoada.

— Eu não posso ficar!

— Eu sei. — Ela me olhou gentilmente. — Só queria que soubesse que você foi a única que ele deixou se aproximar. Desde o início, você sempre foi mais do que uma assistente.

Paula saiu, me deixando sozinha com aquelas palavras. Eu não sentia isso.

Não me sentia mais do que uma secretária, uma babá.

Observei o quarto, a mala sobre a cama e meu notebook em cima da mesa.

Durante um mês, eu experimentei sensações que não tinha vivido em toda a minha vida. Leandro abalou minhas certezas. Ele me tirou da zona de conforto na qual eu nem sequer sabia que estava.

Estava decidida a ir embora, mas antes precisava dizer a Leandro tudo que sentia por ele. Sentei na escrivaninha e coloquei todos os meus sentimentos no papel. Deixei as palavras surgirem, revelando a minha alma. Era a minha forma de me expressar. Era a única maneira

que eu conseguia.

Antes de deixar a mansão, enfiei o envelope por baixo da porta do escritório.

Sabia que ele estava lá.

— Espero que você leia.

CAPÍTULO 13

LEANDRO

Eu andava de um lado para o outro tentando me controlar. Alice tinha ido longe demais. Há dias eu me esquivava de suas perguntas, mas ela era insistente, sempre querendo saber do inferno que tinha sido a minha infância. Eu não queria contar a ela, não queria dizer a ninguém, pois falar sobre o horror era o mesmo que vivê-lo novamente. Eu não queria. Não podia. Passei tempo demais fugindo do passado, tentando esquecê-lo, mas Alice insistia em trazer tudo à tona. Ela não entendia que a ferida nunca ia cicatrizar. Foram anos de abuso. Fui espancado, amarrado, humilhado.

Você é burro.

Imprestável.

Idiota.

Então veio o diagnóstico. Bastava um pouco de atenção, amor, cuidado. Eu seria capaz, se tivesse uma chance. Estava feliz em saber que tinha cura, que eu podia melhorar, aprender.

Doente.

Não vai chegar a lugar algum.

Retardado.

Durante dez anos sofri nas mãos daqueles que deveriam me amar. Meus pais me odiavam. Odiavam o fato de eu ser *diferente*. Odiavam a maneira como eu falava. Fugir de casa não foi fácil, mas qualquer coisa era melhor do que viver sob o mesmo teto que eles. Minhas costas ardiam pelas marcas do cinto. Um dia, com 10 anos, eu disse ao meu pai o monstro que ele era. Eu não tinha mais medo. Não sentia nada, pois ele arrancou tudo de mim. Minha mãe assistiu a tudo sem dizer nada. Nunca me defendeu. E eu fiz uma promessa: a de que o mataria.

Fui recolhido nas ruas e levado para o orfanato. Durante quatro anos, fiquei lá. Meus pais até tentaram me buscar, mas as marcas das agressões físicas eram visíveis demais para que um juiz permitisse isso. Além disso, eles estavam pouco se importando. Não olharam para trás. Não pediram desculpas.

Eu não falava. Não chorava. Não sorria.

Era como um robô. Meus sentimentos estavam adormecidos, e eu não sabia como acordá-los. Não tinha ideia de como expressar o que sentia. Eu não conseguia usar as palavras, não sabia escrever. Até que um dia, eu ganhei tintas e um pincel. Era Natal.

Naquele dia, eu joguei a tinta sobre o papel. Eu pinteí, chorei, sorri, manchei meus dedos com o líquido que mudaria a minha vida. No dia seguinte, eu queria mais. Sentia que podia me libertar através das cores.

Passava horas na sala de artes. Pintava papéis e telas. Até que fui descoberto.

Eu vi em seus olhos, assim que me olhou, que ela também se expressava de uma forma diferente. Seus olhos brilhavam diante da minha arte. Ela viu em mim o que mais ninguém conseguia ver.

Aceitei ir embora com eles. Fui adotado. Deixei o Brasil.

Minha nova mãe me deu tudo. Eu tinha um estúdio e podia ter quantas tintas eu quisesse, quantas telas fossem necessárias, os mais diferentes pincéis. Mas nem todas as cores do mundo foram suficientes para apagar a dor que eu sentia.

Fiz tudo errado. Achei que as drogas me ajudariam, que o álcool me faria esquecer, mas era impossível. À noite ainda acordava com os gritos do meu pai, ainda sentia sua mão pesada em meu rosto, o gosto do sangue na boca.

Eu tentei aceitar a ajuda que a minha nova família oferecia. Eu estudei, eu batalhei, mas era fraco e, a cada dificuldade, desistia achando que não seria possível. Então, ela morreu. Morreu, e eu desisti. Me sentia culpado, me afundei mais e mais, entrando em depressão. Quase morri junto. Eu quis morrer, mas o destino nem sempre está a nosso favor.

Mais uma vez as cores me salvaram. Cada traço que eu pintava era como um fio que me prendia à vida. Cada cor que surgia me livrava da escuridão. Não havia mais espaço para mim no mundo real, mas eu fiz das telas o meu mundo.

Eu até tentei me relacionar com outras pessoas, mas sempre que não era capaz de fazer o que as outras pessoas faziam, eu me lembrava do que meus pais diziam. Suas palavras faziam todo o sentido, então, achei melhor ficar sozinho.

Até conhecer Alice. Ela mergulhou em minhas cores, como se minha vida fosse sua. Eu não parava de pensar em seus olhos, em sua boca. Ela era como uma droga. Nunca ninguém havia chegado tão perto de mim, e ela o fez sem nenhum esforço, sem ao menos querer. Ela

foi simplesmente Alice.

Desde que a beijei, tive a certeza de que estava apaixonado. Eu a desejava, de corpo e alma.

Eu bebi para ter coragem de mandá-la embora. Queria que ela ficasse longe, mas não consegui.

Eu a queria em meus braços.

E a tive...

Foi a melhor noite da minha vida.

A noite em que me senti mais completo.

Eu era apenas eu.

Ela era apenas ela.

E nós nos encontramos.

Mas Alice queria mais. Queria algo que eu não podia dar a ela. Ela queria o meu passado, e eu não podia compartilhá-lo. Não com ela...

Sentei na cadeira, derrotado. Apoiei a cabeça sobre a mesa e deixei as lágrimas brotarem.

Escutei a porta se abrindo.

— Alice? — Levantei rapidamente, o coração disparado com a possibilidade de ela estar ali.

— Não — respondeu Paula, entrando no escritório. — Ela acabou de sair com o Marcos.

Eu não disse nada, apenas olhei pela janela e observei o carro se afastar, levando Alice e também minhas esperanças.

Paula pegou um envelope no chão e se aproximou.

— É da Alice. Quer que eu leia para você?

Mais uma vez a dor dilacerou meu coração.

— Não! — respondi, sem um pinga de emoção em minha voz.

Então, Paula deixou o envelope sobre a mesa e saiu.

Eu tentei ler a carta, mas não entendia o que as palavras significavam.

Mais uma vez desisti.

CAPÍTULO 14

TRÊS DIAS SE PASSARAM DESDE QUE VOLTEI PARA A CASA DA JOSI.

Liguei para o meu orientador. Pelo tom da minha voz, ele soube que eu havia tido problemas com Leandro. Pediu para eu ter paciência e não desistir. Mal sabia ele que eu já o fizera.

Desisti de escrever a biografia, mas Leandro ainda consumia meus pensamentos. Passei dois dias olhando o celular, esperando uma ligação ou uma mensagem, mas ela não veio. Então, no terceiro dia, parei de esperar. Deixei de criar expectativas; seria melhor assim.

Era mais fácil esquecer enquanto ainda era só paixão. Ele impregnava a minha pele, mas não tinha chegado ao meu coração. Se bem que eu começava a duvidar disso.

Passei o dia pensando no que fazer. Eu estaria muito ferrada se desistisse mesmo da biografia. Não teria tempo de começar outro projeto do zero e não conseguiria me formar. Eu havia deixado uma paixão maluca acabar com meus planos. Seria cômico se não fosse trágico.

Tentava desesperadamente pensar em uma saída quando fui interrompida pela campainha. Minhas pernas bambearam quando vi Leandro parado no portão.

Ele estava ali, na minha frente. Com as mãos no bolso da calça jeans, parecia nervoso. Olhava de um lado para o outro, evitando me encarar.

A barba estava maior, ou era impressão minha?

— O que você está fazendo aqui?

Ele abaixou a cabeça, envergonhado, e, quando levantou, vi um brilho diferente em seus olhos.

— Precisamos conversar. — Duas piscinas azuis me encaravam.

— Sério? — perguntei com um tom sarcástico. — Porque acho que foi exatamente isso que tentei fazer há três dias.

— Por favor, Alice.

Leandro passou as mãos pelos cabelos, nervoso. A sensação era que aquilo era mais difícil para ele do que para mim, então eu cedi. No fundo eu esperava que a carta que escrevi fizesse efeito, que ela o tocasse, que o fizesse entender que não estava sozinho. Que não precisava estar.

— Entra.

— Obrigado.

— Eu até te ofereceria uma bebida, mas você não bebe. — Fiz uma pausa. — Quero dizer, só quando quer comer suas funcionárias. Nessas ocasiões, você enche a cara, não é mesmo?

Ele deu dois passos em minha direção, mas eu me afastava a cada centímetro que ele avançava. Então ambos paramos.

— Fui um idiota, mas você me assustou.

— Eu te assustei? — Ele só podia estar de brincadeira. — Leandro, tudo que você fez desde o dia em que coloquei os pés na sua casa foi me assustar. E muito.

— Você tem que entender como foi confuso para mim querer e não querer você lá. Você tirou meu sossego, Alice. Tudo que eu queria era que desistisse e fosse embora. A merda daquela casa não via um sorriso antes de você chegar.

Então, do nada, tudo se iluminou com a sua presença.

— Qual é o seu problema? — gritei, sem paciência. — De madrugada você me come, de manhã me enxota de casa e, três dias depois, diz que sou a luz que ilumina a sua vida. Quer parar de brincar comigo, por favor?

Leandro abriu a boca para responder, mas fomos interrompidos por Josi. Os olhos esbugalhados da minha amiga entregavam que ela estava tão surpresa com a presença de Leandro quanto eu. Ela não sabia o que fazer.

— Oi, Josi. Esse é o Leandro Franz.

— Boa noite. É um prazer conhecê-la — disse Leandro, entrando no modo educado.

— Boa noite. O prazer é meu. E... desculpa atrapalhar.

Os dois me encaravam, esperando uma atitude da minha parte.

— Não atrapalha em nada. Em primeiro lugar, a casa é sua. Em segundo, Leandro já estava de saída, não é mesmo?

Ele me observou, minhas palavras o atingiram.

Era isso que eu queria, não era? Que ele sentisse alguma coisa. Mas por que eu não estava satisfeita?

— Podemos dar uma volta? Eu preciso conversar com você.

— Vocês realmente precisam conversar e resolver essa situação. Seja ela qual for.

— Não se mete, Josi. — Ela simplesmente deu de ombros e saiu, encarando Leandro. Ele não se movia, determinado a conversar. Por fim, eu suspirei, me dando por vencida.

— Vou pegar um casaco. — Ele assentiu, e pude ver um sorriso tímido surgindo em seus lábios.

No caminho até o quarto, pensei no que ele ia me dizer. Passou de tudo pela minha cabeça, desde que Leandro pudesse ter sido abusado sexualmente até que ele era órfão. Porém, em todos os meus enredos havia um final feliz. Malditos romances. É isso que dá ficar idealizando o amor. Eu sempre procuro o final feliz de cada história e ainda esperava ansiosamente pelo meu.

Peguei um moletom qualquer em minha mala e me vesti. Não me preocupei em me arrumar. Nem passei em frente ao espelho. Não queria que Leandro tivesse a impressão de que me importava. Era apenas uma conversa, e não um encontro. Aliás, nunca tivemos um encontro de verdade, então, não seria essa a primeira vez.

Quando voltei à sala, Leandro olhava o céu pela janela. A noite já havia chegado e as estrelas dominavam o céu. Lembrei-me do quadro *Estrelas esquecidas*.

— Podemos ir.

Ele me observou, analisando a roupa que eu vestia, mas antes que fosse necessário eu dizer alguma coisa em minha defesa, Leandro me elogiou.

— Você não precisa de nada para estar linda. Nunca precisará. O que te faz tão maravilhosa é o seu coração, sua personalidade, não a roupa que usa.

Senti o rosto queimar, e tenho certeza de que corei até o último fio de cabelo.

— Obrigada.

Leandro abriu a porta, e, então, saímos.

O vento frio cortava a noite de Curitiba, me deixando ainda mais apreensiva com aquela conversa. O carro não estava na porta, mas sabia que Marcos havia levado Leandro, pois ele era o único que sabia onde me encontrar.

O bairro onde Josi morava era muito tranquilo. Caminhamos sem rumo, acompanhados pelo silêncio. Um silêncio perturbador, diga-se de passagem.

— Preciso pedir desculpas por aquela manhã. Eu fui um idiota. — Ele andava com as mãos no bolso.

— Olha, Leandro. Sei que passei dos limites também. Não deveria ter ido até o orfanato. Eu só queria saber um pouco mais sobre você. E não é por causa do meu trabalho. Realmente queria te decifrar, e senti que só conseguiria isso se soubesse mais sobre o seu passado. Só assim eu poderia te entender e te ajudar.

Leandro parou repentinamente. De cabeça baixa, parecia lutar contra os próprios sentimentos. Não falei nada, apenas aguardei. Quando levantou a cabeça e me fitou, vi lágrimas em seus olhos. Era a primeira vez que o via tão entregue. Os ombros caídos, uma expressão sincera. Era como se ele tivesse se desfeito da armadura que sempre usava. Ali, parados em uma calçada, foi que eu finalmente conheci Leandro Franz.

— Tantas pessoas tentaram me ajudar. Durante minha vida inteira me senti deslocado. Mesmo quando eu estava me reerguendo, mesmo quando tinha esperanças de mudar, todos à minha volta agiam como se eu fosse a porra de um doente que precisava de cura.

— Essa não foi minha intenção...

— Sei que não. Mas eu sempre me senti assim, então foi difícil quando você chegou. Você queria mais de mim, e, infelizmente, eu não estava preparado para dar.

— E agora está?

Ele levantou a cabeça, fitando o céu, as estrelas. Ficou assim um tempo, e eu deixei que tomasse coragem. Até que resolveu desabafar, colocar para fora suas tristezas e aflições.

— *Estrelas esquecidas* foi o primeiro quadro que pinte, ainda no orfanato.

Todas as crianças eram chamadas de estrelas pelos funcionários e voluntários. Eu odiava ser chamado assim. Odiava ser uma estrela, pois percebia que ninguém parava para olhar o céu. Assim como ninguém queria saber da gente. Então, poderíamos até ser estrelas, mas não passávamos de estrelas esquecidas.

Vi tanto sofrimento em seus olhos que podia sentir sua mágoa. Fui criada em uma família amorosa e unida, nem de longe seria capaz de compreender o que é viver sozinho.

— Por que você foi parar no orfanato?

Leandro sorriu tristemente, como se o passado se fizesse presente.

— Eu fugi de casa aos 10 anos. Fiquei na rua alguns dias, até que o Juliano me ajudou.

— Juliano, meu professor?

— O próprio. Ele me levou ao Conselho Tutelar, e de lá eu fui encaminhado ao Lar.

A conversa estava sendo mais surpreendente do que eu imaginava. Eu estava intrigada, mas também com medo de me aprofundar. Estava apaixonada por Leandro, mas a bagagem que ele trazia era pesada. Agora, diante de sua confissão, eu não me sentia forte o suficiente para ajudá-lo.

— E seus pais?

— Meu pai me batia tanto que eu já não sentia mais dor. Não precisava de motivos. Ele simplesmente decidiu que descontaria em mim suas frustrações. Ele sentia vergonha de mim. Eu era o doente mental, o retardado, o inútil. — Um nó se formou em minha garganta, e lutei com as lágrimas que ardiam em meus olhos. — Ele me deixava sem comida, sem roupa. Tremia de frio, de fome, de ódio. Eu queria matá-lo, mas o destino se encarregou de fazer

isso antes de mim.

— Por quê? Por que alguém faria isso com uma criança?

Leandro respirou fundo, virando o rosto, parecendo envergonhado.

Aproximei-me dele, toquei seu queixo e o puxei para mim. Ele gemeu ao meu toque, me fazendo suspirar. Eu não sabia se conseguiria ouvir mais alguma coisa.

Sentia que o estava fazendo sofrer.

Ficamos nos encarando por alguns segundos, até que percebi que ele olhava para a minha boca. Minha língua, atrevida, molhou os lábios no momento em que pensei como era bom beijá-lo. Ele estava cada vez mais próximo. Dividíamos o mesmo desejo. O beijo teve gosto de paixão. Leandro acariciava minhas costas enquanto nossos lábios se tocavam tão intimamente que me causava arrepios.

De repente, um barulho nos surpreendeu. O estrondo interrompeu o beijo, fazendo meu coração saltar. Era um tiro. Leandro se colocou na minha frente, como se quisesse me proteger. Olhamos para os lados, mas não vimos ninguém.

— Vamos sair daqui.

Ele puxou minha mão, me arrastando para a direção contrária de onde tinha vindo o tiro. Eu o acompanhei, ainda atordoada.

— Socorro! — Escutamos alguém gritar.

Parei imediatamente.

— Você está maluca? Vamos embora agora.

— Não podemos ir. Alguém precisa de ajuda.

Ele olhou por cima do ombro, hesitando. Mantinha o maxilar travado, como se analisasse as possibilidades.

— Você vai embora. Eu vou ver o que aconteceu.

Leandro me deixou no lugar que estávamos, e caminhou alguns metros, entrando em uma rua lateral. Ignorei o seu pedido e caminhei atrás dele. Uma mulher caída no chão sangrava.

Leandro tentou acalmá-la, mas ela estava em choque, se debatendo nas mãos dele.

Eu me aproximei de Leandro.

— Alice, eu mandei você ir embora — disse ele, enfurecido. Foi a primeira vez naquela noite que o *Senhor Pesadelo* surgia.

— Ainda bem que você não manda em mim — respondi.

Ajoelhei-me e alcancei a mão da mulher, tentando acalmá-la.

— Está tudo bem. Tente ficar calma, não foi nada grave. — Olhei para o ferimento e talvez estivesse mentindo. Ela perdia muito sangue, estava perdendo a consciência. — Leandro, corre, liga para a emergência. — Fiz pressão com as mãos, tentando estancar o sangramento.

Leandro tirou o celular do bolso.

— Encontramos uma mulher ferida. Acho que ela levou um tiro. — Ele fez uma pausa enquanto ouvia atentamente. — Ela está desacordada agora.

Endereço? — Ele me encarou, esperando uma resposta. Não conhecia a rua que estávamos. Olhei ao redor e vi que tinha uma placa ali perto.

— Olha lá, o nome da rua.

Leandro me olhou assustado. Então, caminhou até a placa, parecia desesperado. Segurava o celular em uma das mãos e passava a outra nos cabelos, extremamente nervoso. Ele parou de frente para a placa, mas não a olhava diretamente.

— Leandro! — gritei, chamando sua atenção.

Quando se virou, eu vi, mesmo com a pouca luz, que ele chorava. Os ombros caídos, o rosto entregue, as lágrimas rolando livremente, a derrota no olhar.

— Eu não consigo ler.

Balancei a cabeça, sem entender.

— Ela vai morrer!

— Eu não sei ler, porra — berrou. — Não é possível. As letras... elas... eu não entendo o que

dizem. Elas não fazem sentido para mim. — Leandro ficava cada vez mais nervoso. — Sou um idiota. Meu pai tinha razão. Sempre teve.

Corri até Leandro, pegando o telefone de suas mãos. Enquanto passava as informações para o socorrista, eu observava o homem à minha frente. Ele estava despido de segredos. Olhava para mim como se não tivesse mais lugar para ele no mundo. Estendi a mão, mas Leandro não se moveu, apenas me observava. As lágrimas transformaram-se em um choro incontrolável. O corpo de Leandro inteiro tremia, eu não sabia o que fazer. Então, eu o alcancei e o abracei. Queria que sentisse que eu estava ali. Que estava com ele.

— Leandro, estou aqui — dizia baixinho, sem soltá-lo. — Escuta minha voz.

Concentre-se nela e fique aqui. Fique comigo.

Eu o abraçava, mas ele não correspondia. Estático. Continuei tentando alcançá-lo. Segurava suas mãos, secava as lágrimas que ainda desciam por seus olhos, acariciava seu rosto, mas ele não esboçava reação. Ouvi a sirene da ambulância, e as luzes piscaram diante dos meus olhos. Finalmente, Leandro me olhou. Senti ainda mais medo quando recebi o seu olhar. Era vazio, frio. Não havia nada em seus olhos que me lembrasse o Leandro que havia conhecido.

Nem quando era totalmente estúpido comigo, Leandro me olhava daquela forma. Sempre havia intensidade, mas agora, ele parecia morto.

Leandro segurou meus ombros, me afastando dele.

— Me deixa ir embora.

— Não posso. Estou apaixonada por você.

Ele virou o rosto.

— Cometemos um erro. Eu não deveria ter deixado você se aproximar. Isso nunca deu certo e nunca dará.

Depois se afastou, me dando as costas.

Caminhei atrás dele, deixando a ambulância para trás.

— Você está fazendo tempestade em copo d'água, Leandro.

Leandro parou de caminhar, virando-se para mim.

— E se fosse você estendida no chão? — Apontou para a mulher sendo socorrida. — E se você precisasse de mim? E se fosse preciso que eu lesse a porra de um simples endereço para salvar a sua vida? Eu não ia conseguir, Alice.

Porque sim, eu sou o retardado que meu pai sempre disse que eu era. Eu tenho dificuldade para ler e escrever, eu não sou normal. Esse é o meu grande segredo.

— Ele abriu os braços, gritando para o céu. — Eu sou um fodido, que mal consegue escrever o próprio nome.

Dei dois passos em sua direção, mas ele fez um gesto para que eu parasse.

Respeitei, mesmo quando tudo que eu mais queria era confortá-lo e dizer que tudo ficaria bem.

Olhei para o céu antes que ele se afastasse de uma vez.

— Você não é mais uma estrela esquecida.

Antes de ir embora, Leandro me encarou por alguns segundos e me deu um dos seus sorrisos gentis, aqueles que faziam meu coração se aquecer e meu corpo inteiro querer mais.

Meus olhos seguiram o homem por quem estava apaixonada até que ele desapareceu na primeira esquina. Eu tentava entender o que estava acontecendo, compreender as revelações que Leandro me havia feito. Tudo agora fazia sentido.

Como eu não percebera que algo estava errado? Leandro nunca lia nada, nem mesmo cardápio de restaurante. Eu jamais o vi escrevendo. Ele não mandava mensagens, não lia ou respondia e-mails, não participava de nenhuma reunião sem que eu estivesse junto. Era sempre tão seco, distante. Afastava todas as pessoas, não abria mão de sua privacidade. Detestava imprensa.

Compreendi que a dor de uma pessoa não pode ser medida. Ninguém tem ideia da intensidade do que o outro sente. Essa era a dor de Leandro, o fantasma que o atormentava, e ninguém poderia dizer que ele não lutava diariamente contra ele.

CAPÍTULO 15

VOLTEI PARA CASA DESORIENTADA. ASSIM QUE CHEGUEI, DESABEI.

Em meio às lágrimas, contei tudo que tinha acontecido para Josi. Precisava compartilhar com alguém ou explodiria, e ela era a única pessoa que realmente se importava com o que se passava em meu coração. Ela, que geralmente tinha um comentário para tudo, ficou muda. Realmente não havia o que comentar.

Tomei um banho quente e me enfiei debaixo de um edredom. A sensação era de que tudo estava gelado demais, mesmo que não fizesse tanto frio.

— E o que você vai fazer? — perguntou minha amiga, sentada na cama.

A vontade era dormir até que tudo passasse, mas essa não era uma opção muito madura.

Dei de ombros, respirando fundo, e Josi continuou: — Você precisa procurá-lo. Se ele veio atrás de você, é porque realmente se importa, Alice. Leandro tem problemas sérios.

Absorvi suas palavras. Eu realmente não entendia. A crueldade praticada pelo pai matava um pouco o homem tão explosivo que havia conhecido.

— Alice! — gritou Josi. — Que porra está acontecendo com você? O cara te conta uma coisa dessas e você fica aí, parada, roendo as unhas, olhando para o nada!

Ela tinha razão. Eu tinha que agir, fazer algo. Pulei da cama e me vesti correndo.

— Vou atrás dele.

Josi piscou, sorrindo.

— Já não era sem tempo. Esse cara está arrastando um caminhão por você.

Parei por alguns segundos, absorvendo o que ela falava.

— Você acha?

Ela balançou a cabeça.

— Pelo jeito que ele te olhava, tenho certeza.

— Estou apaixonada, Josi. Me apaixonei de uma forma tão intensa que estou com medo. Não sei se um dia isso será amor, se somos almas gêmeas, mas sei que o que sinto por Leandro é

muito forte.

Desabafei tudo que sentia.

— Isso dá pra ver nos seus olhos. E esse tipo de sentimento pode nos destruir ou nos salvar. A paixão mexe com nossos desejos, é extremamente perigosa, mas é algo que nos faz viver. Somos movidos por ela.

Sequei uma lágrima e a abracei, quando ouvi a buzina de um carro e me assustei.

— É o táxi.

— Mas como?

— Eu sabia que você ia atrás dele.

Sorri.

Eu sabia onde Leandro estaria. A música alta vinda do estúdio mostrava que minha intuição não estava errada. Leandro escutava *Angel*, do Aerosmith.

Meu coração batia tão intensamente quanto o som que saía da guitarra de Joe Perry. Caminhei lentamente ao encontro do artista mais complexo que havia conhecido.

Chegando ao estúdio, encontrei a porta aberta. Senti um medo absurdo. Não queria acreditar que Leandro seria capaz de fazer uma loucura, mas, contrariando os meus desejos, minha cabeça martelava essa ideia. O pânico aumentou quando vi todo o estúdio quebrado. Havia telas — ou pedaços delas — por todos os lugares. Dei um passo, e minha bota resvalou pelo chão coberto de tinta. Um arco-íris em meio ao caos.

— Leandro?

Então eu o vi, sentado no chão. As pernas cruzadas, os cotovelos em cima dos joelhos e as mãos no rosto. Ele se escondia do mundo, da dor, do passado. Ao lado dele, uma garrafa de uísque pela metade. O copo, ainda cheio, também descansava ao seu lado. A roupa que ele usava estava toda manchada. Caminhei até ele e, sem dizer nada, me sentei à sua frente. Leandro ficou inquieto com minha presença, sua respiração acelerou. Acho que essa era a diferença de amor e paixão. O amor nos acalma, nos faz sentir seguros. O que Leandro e eu sentíamos era diferente. Era algo que trazia todos os sentimentos à tona, queimava tanto que não éramos capazes de resistir nem disfarçar.

Ele levantou o lindo rosto. Havia traços de tinta nas bochechas, no cabelo, no pescoço. Leandro olhou a garrafa ao seu lado e suspirou.

— Eu queria beber, mas não o fiz por ela.

E me mostrou uma foto, a imagem de uma mulher alta, loira, segurando uma paleta de tintas nas mãos. Ao lado havia um adolescente, 15 ou 16 anos. A cor do cabelo não deixava dúvida de que era Leandro. O vermelho reluzia na foto.

— Ela foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Foi a única mulher com quem realmente me importei. Até você chegar. O que sinto por você é inexplicável. — Ele colocou a mão no peito, deixando os dedos repousarem na pele exposta. — Dói quando você está longe, mas quando está perto, dá medo. É

tão intenso que quando te beijei pensei que sufocaria.

Ele sentia o mesmo que eu.

— Não se envergonhe disso.

— Não é vergonha. É medo. Medo de você também partir. Medo de não saber lidar com o meu *problema*. — Ele sorriu, sarcástico, ao dizer a última palavra.

— Eu estou aqui. — Segurei a mão dele como se segurasse a mão do Leandro pequenino, ainda criança. O Leandro que apanhava, sofria, passava frio e fome.

— Acho que já era para você ter percebido que não desisto fácil das coisas. Meu último chefe era um temperamental insuportável, mas fiquei mais tempo do que esperavam.

Um sorriso surgiu em seu rosto.

— Mas partiu.

— Eu te contei que ele é um pé no saco? — Ele me encarou, o sorriso alcançando os olhos. Me sentei ao seu lado, encostando na parede. — Mas ele também é o homem que faz meu coração acelerar.

Ele não me respondeu. A música cessou, e o silêncio durou alguns minutos.

Eu era capaz de sentir o calor que emanava dele. Apenas o fato de estar ao seu lado, de meu

corpo tocar o dele, me aquecia. Seu perfume, misturado ao cheiro da tinta, era uma lembrança que, com certeza, eu guardaria em um lugar especial.

Era um daqueles cheiros que tornam certos momentos inesquecíveis.

Eu memorizava aquela cena quando sua voz me fez voltar para a realidade.

— Eu praticamente não falava até os 3 anos de idade. Não conseguia me expressar. Foi quando meu pai começou a me tratar como um doente. Quando o médico disse que eu era normal, ele não acreditou. Para ele, eu era e sempre seria um retardado. Seu castigo mais comum era me deixar trancado em um minúsculo quarto escuro, de castigo. — Ele balançou a cabeça, com um sorriso triste no rosto. — Meus pais tentavam de toda forma me fazer falar, porém, seus métodos não eram os mais pedagógicos. Já nessa época eu apanhava, e muito.

Quando entrei na escola, as coisas pioraram. Eu sabia a resposta, mas não sabia dizer. Não aprendia a ler e escrever como as outras crianças, me sentia inferior, era ridicularizado, riam de mim. Eu falava errado, não conseguia ficar sentado por muito tempo.

Aos poucos comecei a compreender porque ele havia se tornado o Leandro que conheci.

— Não tinha amigos. Nunca tive! Sempre fui sozinho. Me esforçava muito para ser como todo mundo, mas sempre ouvia dos professores que eu era preguiçoso, que não tinha vontade de aprender. Me mandavam estudar mais, ler mais, escrever mais. Eu tentava, mas não conseguia. Era por isso que apanhava.

Cada nota baixa, cada tarefa não concluída, cada palavra errada, era motivo para que meu pai “tentasse me corrigir”.

— A culpa não é sua. — Eu sentia um nó na garganta e lágrimas em meus olhos. — Você tem que parar de se menosprezar e deixar essa dor partir. Se há um culpado nessa história, ele não é você, Leandro.

— De certa forma, é. Eu desisti da escola. Estava cansado de tanto bullying.

Essa foi minha rotina por vários anos. — Eu via a tristeza em seu rosto. — Fugi de casa e vivi nas ruas por vários dias. Qualquer pesadelo era menos dolorido do que voltar para casa.

Eu segurei sua mão. Os dedos dele se entrelaçaram nos meus, segurando-me forte. Balancei a cabeça, indicando que ele podia continuar.

— Eu tinha dislexia e deficit de atenção. A primeira pessoa que tentou me ajudar foi o Juliano. Porém, eu estava revoltado demais para aceitar que qualquer um se aproximasse. Muitos tentaram, muitos me mostraram o caminho, mas eu me tranquei de uma forma que me tornou inalcançável.

— E então você descobriu a pintura. — Era nítido que ele usava as telas para se expressar.

Leandro pegou um pincel que estava próximo a ele e girou-o entre os dedos, olhando para o objeto que o havia salvado. Via a gratidão estampada em seu rosto.

— Foi a primeira vez que me senti normal. Foi a primeira vez que consegui colocar para fora tudo o que eu sentia. Para mim, as cores eram como palavras que eu não conseguia escrever ou dizer. Era, e ainda é, a única forma que tenho de não enlouquecer.

Observei uma tela que estava no chão e imediatamente foi como se enxergasse Leandro. Ela era linda, inspirava todos os tipos de sentimentos, mas estava destruída.

— E quando chegou aos Estados Unidos?

— Por mais que eu tivesse sido acolhido por pessoas maravilhosas, eu me tornei um adolescente problemático. Me envolvi com álcool e drogas, tentando esquecer tudo que havia vivido. Passava dias, semanas fora de casa, me drogando, bebendo. Eles tinham tudo para desistir de mim, mas não o fizeram, e eu me sentia mal por isso. Eu fazia com eles o que os monstros dos meus pais fizeram comigo.

— Você tem que se perdoar.

— Não consigo.

Ele balançou a cabeça, uma lágrima escorrendo pelo rosto.

— Você mesmo disse que ela não desistiu. Isso mostra que ela te amava. Essa é uma ligação mais poderosa do que qualquer outra, pois não é pelo sangue, mas por opção. Ela escolheu te amar.

Leandro levantou, puxando minha mão. Assim que fiquei de pé, ele ficou de frente para mim. Tocou suavemente meu rosto, e eu descansei a cabeça em sua mão.

— Você é tão linda.

— Se você diz — brinquei com ele.

— Vem, quero te mostrar uma coisa.

Eu o seguiria até o fim do mundo.

Subimos as escadas de mãos dadas, em silêncio. Nossos dedos entrelaçados como se tivéssemos nascidos um para o outro.

Chegamos à porta do quarto de Leandro. Meu corpo ficou tenso, sem saber o que aconteceria.

— Está tudo bem, só quero te mostrar uma coisa.

Assim que entramos, meus olhos foram atraídos para uma grande tela fixada na parede. Era a pintura de uma mulher. Era diferente de tudo que já tinha visto.

Era quase um retrato, mas com cores fortes e traços desconstruídos. Poderia dizer que outra pessoa havia pintado aquela tela, mas a assinatura de Leandro indicava que não.

— É ela? — questionei, emocionada.

— Sim. Minha mãe adotiva. A única que tive. A que me resgatou no orfanato e me deu a oportunidade de ser quem eu sou. Fiz esse quadro duas semanas antes de ela descobrir o câncer que a levou.

Meu coração saltou no peito.

— Tudo na minha vida foi como uma bola de neve. Eu abandonei a escola e com o tempo regredi. Depois das drogas, veio a depressão. Tudo que havia conquistado, todos os avanços que havia feito, ficaram para trás. O resultado é o que já conhecemos. Larguei os tratamentos, me dediquei à pintura e aceitei que nunca seria o mestre das letras. Consigo ler, mas muito pouco, preciso me concentrar muito para identificar as letras e formar palavras; é muito difícil e, muitas vezes, prefiro nem tentar. — Lembrei das vezes que o escutei no escritório, de como lia devagar, soletrando, repetindo sílaba por sílaba. — Quando estou sob pressão, tudo fica ainda pior; foi por isso que não consegui ler a placa. As letras dançavam diante dos meus olhos.

Desviei os olhos do quadro e o encarei. Agora, sob a luz, enxergava todos os traços de tinta em seu rosto.

— Não tem por que me afastar, Leandro. — Quando eu falei isso, imediatamente, ele se distanciou. — Por que age assim? Tudo bem, você tem problemas. Todo mundo tem. Talvez os seus sejam muito dolorosos, difíceis de esquecer, mas as pessoas não são culpadas pelo que aconteceu. Eu não sou e estou aqui.

Ele continuou de costas para mim, a respiração acelerada, os ombros curvados.

— Acontece que ninguém nunca ficou, Alice. Eu tentei ter amigos, namoradas, mas tudo sempre termina comigo agindo como um babaca. Meus “problemas” — ele fez sinal de aspas com as mãos — me deixam desatento. Não me lembro de nomes, datas, compromissos. Não suporto conviver com pessoas, tudo que eu quero é pintar vinte e quatro horas por dia. Nenhuma mulher está disposta a aceitar isso. Nenhuma quer passar por isso. Nem você.

Ele se virou e me encarou.

— Não decida por mim. — Sorri, tentando aliviar o clima. — Essa é uma escolha que só eu posso fazer, Leandro. Não me importo se você não sabe ler.

Me apaixonei por você de uma forma tão intensa que não sei mais quem eu sou quando não estou ao seu lado. Isso me assusta, mas é a primeira vez, em anos, que me sinto viva de verdade. Você trouxe cor para a minha vida.

Me aproximei dele, e minha boca deslizou por seu pescoço, acariciando sua pele. Eu não ia deixar que ele se afastasse. Não permitiria que Leandro se trancasse novamente.

— Por favor, Alice — gemeu, implorando que eu parasse, mas estava determinada a tê-lo. — Você está tornando as coisas mais difíceis.

Beijeí sua boca para que ele se calasse. Me delíciei com os lábios de Leandro, e nos envolvemos em um beijo quente. Ele cravou os dedos em minha cintura, me puxando para junto de seu corpo.

— Eu serei suas palavras, e você vai colorir minha vida. — Não poderia imaginar nada tão perfeito quanto isso.

Acho que ele não tinha noção de quanto o beijo dele mexia comigo. Deslizei as mãos por seu peito, abrindo os botões da camisa.

— Desejo tanto você que chega a doer — murmurou contra os meus lábios.

Seus músculos se retesaram com o meu toque. Apesar de só ter estado com ele duas vezes, parecia que eu o conhecia profundamente. Era como se o meu corpo reconhecesse o dele. Meus mamilos se arrepiaram quando ele gemeu em meu ouvido ao tocar os meus seios. Minha pele queimava. Desabotoei sua calça, segurei sua bunda, a carne firme entre os meus dedos. Leandro me beijava o pescoço, deslizando a língua pelo meu colo. Abriu o zíper do meu vestido, então, me virou, me deixando de costas para ele. Tremi quando senti sua ereção imponente contra mim. Tentei me mexer, mas ele me segurou. Leandro me despiu, me deixando apenas de sutiã, calcinha e botas.

— As botas ficam — disse ele, quase sem ar.

— Fetiche?

— Cada vez que você surgia com essas botas na minha frente, eu ficava maluco. Tudo que imaginava era te ver assim com elas.

— Ora, ora, seu desejo virou realidade.

Leandro me pegou nos braços e me levou para a cama. Delicadamente, me deitou sobre ela. Era incrível como ele conseguia ser intenso e gentil ao mesmo tempo. Leandro revelou todas as suas personalidades, *o bonzinho* e *o pesadelo* se tornaram um só. E os dois me encantavam.

— Sou um imbecil por ter te tratado tão mal.

— Isso não importa agora. Depois discutimos sobre a sua dupla personalidade.

As palavras eram interrompidas por nossos beijos que, de gentis, se tornaram sufocantes. Toquei seu abdômen e deixei meus dedos contornarem os músculos, me deliciando com cada linha do seu corpo. *A mais bela pintura!* Ele se deitou sobre mim. A pressão do seu corpo sobre o meu me deixava cada vez mais excitada. Leandro me olhou com sensualidade, os olhos azuis que tanto me fascinavam. Eu me afogaria naquelas piscinas, não havia mais dúvida.

Ele acariciou meus seios, levando um mamilo à boca e fazendo minha pele se arrepiar. E raspava os dentes devagar, causando um leve formigamento que me deixava praticamente inconsciente de tanto desejo.

Antes de continuar me enlouquecendo, ele perguntou: — Dupla personalidade?

Mordi o lábio inferior, nervosa. Seu polegar viajou até a minha boca e, atrevida, deixei que minha língua acariciasse a ponta do seu dedo. Meu pintor gemeu, jogando a cabeça para trás.

— Você é o *Senhor Pesadelo* quando grita, mas é o Leandro *bonzinho* quando se preocupa comigo. Você é o pesadelo quando está de mal com o mundo, mas é o gênio quando dá vida a uma tela branca. Você é o *Senhor Pesadelo* quando não aceita que as pessoas entrem em sua vida, mas se torna o Leandro *gentil* quando revela a sua alma — respondi. — E eu quero todos eles agora.

Haveria muito tempo para conversa, o que eu queria e precisava naquele momento era ele dentro de mim, me tomando por inteiro. Ansiava por isso, por seu toque.

— Farei amor com você. Não espere outra coisa. Não espere sexo. Não agora.

Tocarei em você como nunca toquei tela alguma. Você será a minha obra mais perfeita.

E foi isso que ele fez.

Ninguém nunca me tocou assim. Suas mãos deslizavam por minha pele como um pincel sobre a tela branca; suave, mas preciso. Seus movimentos eram intensos, ele já conhecia tão bem meu corpo. Eu estava completamente entregue.

Naquela madrugada, ele me amou. Amor e paixão se misturando e transbordando dentro de nós. Não sabíamos o que éramos, um ou outro. Uma hora ele me penetrava com tanta força que me sentia possuída; era puro prazer.

Mas, em seguida, ele me devorava com a alma.

Leandro me encarava com desejo, os olhos vidrados nos meus. Enquanto nossos corpos se uniam, eu via seus medos, seus fantasmas.

Ele me venerava, e eu fazia amor com seu coração.

CAPÍTULO 16

ACORDEI, MAS AINDA ESTAVA SONHANDO. ELE ME DEIXOU ENTRAR.

Leandro disse que a noite seria inesquecível, e foi. Meu corpo inteiro sentia o quanto éramos perfeitos juntos. A sensação era que havíamos nascidos um para o outro.

Sorri ao ver as roupas jogadas pelo chão. Depois, observei o quadro que Leandro me mostrou na noite anterior. Era lindo, e refletia todo o amor que ele sentia pela mãe. A verdadeira mãe, a mulher que o resgatou.

— Bom dia, minha linda.

Eu me assustei com a voz dele.

— Bom dia.

Estava nua, descalça, descabelada, e ele me olhava como se eu fosse a encarnação da *Monalisa*.

Percebendo que me sentia envergonhada, ele se aproximou, puxando minhas mãos que estavam escondendo parte do meu corpo.

Seus olhos brilharam, e sua boca abriu em êxtase. O que veio depois foi a continuação da madrugada. Tomamos banho juntos, foi mágico. A água escorrendo, os sussurros, nossas mãos descobrindo o corpo um do outro. Suas investidas, o arrepio que suas palavras provocavam. Não segurei o grito quando gozei ao sentir Leandro se libertar dentro de mim.

Assim que terminamos, senti medo. Tudo estava sendo tão perfeito, perfeito demais para ser verdade.

É só paixão. Meu cérebro queria me convencer, mas as batidas do meu coração o contradiziam.

Leandro saiu do quarto, e eu me vesti apressada, precisava ir embora. Mas ele voltou antes que eu pudesse sumir.

— Por que está vestida? — perguntou.

— Acho que é porque o mundo não está pronto para o nudismo.

— Mais uma vez, Srta. Alice, sua forma de se expressar me encanta. Mas... — Ele se aproximou, segurando algo atrás de seu corpo. — Tenho uma surpresa para você.

Segurou minha mão delicadamente e fez com que eu sentasse na cama. Meu coração deu um pulo quando vi o exemplar de *Razão e sensibilidade* em suas mãos.

— Escolha um trecho. O que você mais gosta.

Fiquei estática, o ar desapareceu, eu não conseguia respirar. Eu não tinha certeza do que ele pretendia, mas imaginava. E, se ele o fizesse, eu realmente não saberia como lidar.

Como o exemplar que vi no escritório, aquele também era lindo, com uma capa de couro maravilhosa. Acaricieei o livro, senti o cheiro das páginas amarelas, o aroma da felicidade.

Conhecia aquele romance como a palma da minha mão. Abri a página que meu coração pedia. Apontei o dedo, e Leandro pousou os olhos sobre o papel.

Imediatamente, percebi a tensão tomar conta dele. O medo e a vergonha de fracassar ainda o impediam de tentar. Segurei sua mão, estava prestes a dizer que não precisava fazer aquilo, quando ouvi sua voz declamando uma das mais talentosas autoras que tive o prazer de ler.

— “Não é o tempo...” — Sua voz saiu entrecortada. Ele expirou e continuou: — “Nem a oportunidade que determinam a intimidade, é só a disposição. Sete anos seriam insuficientes para algumas pessoas se conhecerem, e sete dias são mais que suficientes para outras pessoas.”

Era a leitura mais importante que já havia presenciado. A forma como as palavras saíam de sua boca, dançavam no ar e alcançavam meus ouvidos e meu coração. Ele estava consciente de cada sílaba que pronunciava, não era superficial. Leandro sentia cada palavra, vivia cada uma delas. Para ele, ler era uma vitória, e eu agradecia por fazer parte de um momento tão sublime.

Tentei segurar as lágrimas, mas elas eram insistentes demais. Leandro se levantou e se ajoelhou, de frente para mim. Suas mãos pousaram nas minhas coxas, pesando sobre a minha pele. Ele beijou minha testa tão carinhosamente que me senti vivendo o romance de um dos meus livros favoritos. Depois, desceu os lábios até alcançar os meus. Meus lábios se abriram, entregando minha alma naquele beijo.

— Quero que fique. Que esteja ao meu lado como mais ninguém esteve.

Quero fazer amor com você todos os dias. Quero que leia para mim, enquanto eu pinto as obras mais lindas da minha carreira, porque você estará lá para me inspirar, como vem fazendo desde o momento que entrou em minha vida.

As lágrimas voltaram com tudo, eu não sabia como lidar com o que ele me falava. Era tudo muito novo.

— Eu sei o que está passando na sua cabeça. Tudo que quero é estar ao seu lado. Vamos descobrir juntos como ser feliz?

— Eu quero!

— Eu sei que sou instável e assusto as pessoas, mas essa foi a forma que encontrei para me proteger...

— Leandro, cale a boca. — Interrompi, e ele me encarou, surpreso. — Eu disse que sim. Estou apaixonada por você e não vou a lugar algum.

Ele abriu o maior sorriso que já vi na vida, seguido de uma gargalhada que preencheu todo o quarto. Leandro me levantou da cama, segurando-me em seus braços. Rodopiei, sorrindo ao som de suas palavras.

— Acabei de descobrir a cor que faltava em minha vida.

CAPÍTULO 17

LEANDRO

“A dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um deficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. Esta é a definição adotada pela IDA — International Dyslexia Association. A dislexia atinge cerca de 7% da população.

As crianças portadoras de dislexia são consideradas lentas, pouco inteligentes e até mesmo doentes mentais, mas tudo isso não passa de preconceito com os portadores desse transtorno. Quando criança, o dislético pode apresentar atraso no desenvolvimento da fala, fraco desenvolvimento na atenção, dificuldade no reconhecimento de letras, vocabulário pobre e desorganização geral. Os disléticos processam informações de maneiras e em tempos diferentes, por isso, o diagnóstico precoce e o tratamento adequado leva uma criança com dislexia a ter uma vida praticamente igual em detrimento as outras. O apoio dos pais e professores é de suma importância para lidarmos com esse transtorno que afeta milhões de pessoas.”

Era como se eu fosse descrito pela palestrante. Tudo o que ela dizia se encaixava perfeitamente em tudo que vivi. Durante muitos anos, a definição de normalidade para mim tinha um significado amargo. Eu fui tratado como um doente, quando o único remédio que eu necessitava era amor. Fui deixado de lado, esquecido, abandonado, quando tudo que queria era ser incluído, envolvido, afagado. A criança que fui moldou o homem que me tornei: triste, amargurado, sozinho.

“Já o adulto dislético pode sofrer para concluir uma leitura, acatar ordens, seguir o que os outros dizem, escrever ou manter relacionamentos. Os sintomas no adulto se agravam quando estes não tiveram o tratamento adequado quando crianças. Essas dificuldades causam baixa autoestima, irritabilidade, falta de convívio social, depressão e, em casos extremos, suicídio.”

A última palavra fez meu coração saltar no peito. Suicídio!

Várias vezes, essa ideia permeou minha mente. Eu achava que não havia lugar para mim no mundo. Tudo era tão difícil que sentia que o melhor era desistir, de uma vez por todas. Mas ainda bem que não o fiz.

Observei Alice ao meu lado. Apertei sua mão, forte, e ela me encarou e me deu um de seus sorrisos encantadores. Eu agradecia todos os dias por ela ter surgido em minha vida e por serem para mim os seus sorrisos mais perfeitos. Foi ideia dela a minha participação no simpósio sobre dislexia.

Tudo começou com a publicação de seu trabalho há dois meses. *Além das cores* não lhe rendeu apenas a aprovação no curso de Letras, mas também o contrato com uma editora e a publicação de seu primeiro livro. Com dedicação, ela relatou a minha história, desde os meus tormentos quando criança até os fantasmas que ainda me assombram. Fiquei com receio no início, pois havia passado boa parte da vida escondendo meus problemas do mundo, mas com Alice ao meu lado não havia mais espaço para o medo. Os fantasmas ainda me atormentavam, mas com ela estava seguro. Ela irradiava luz por onde passava.

Sentado na primeira fila, sou um dos convidados do simpósio. Estou tremendo, pois ainda não superei a aversão a discursos. Sempre tive muito medo de falar em público. Até pouco tempo, ainda tinha dificuldade em pronunciar diversas palavras, o que me causava pânico. Tudo que eu menos queria era ser julgado. Porém, Alice me convenceu de que meu testemunho seria de grande valia às pessoas. Eu poderia mudar a vida de crianças e de pais apenas com o relato do que vivi. Então, aceitei que poderia surgir algo de bom de todo o sofrimento que passei.

Alice e eu nos dirigimos para a entrada do salão, onde havia uma exposição com meus quadros. Fiz a doação de algumas telas em prol do tratamento de crianças carentes com dislexia e deficit de atenção.

Apesar do desconforto por estar no meio de tanta gente, eu tentava responder a todos com educação e cordialidade. Era um passo importante que eu trilhava todos os dias. Confiar nas pessoas e deixar que entrassem em minha vida.

Enquanto conversava com um professor de artes, observei Alice se aproximar.

Ela havia ficado um tempo afastada de mim, e eu já sentia sua falta. Assim como na primeira vez que a vi, ela transbordava beleza. Os cabelos antes longos, agora estavam na altura dos ombros. Ela estava ainda mais bonita, com um vestido azul que destacava suas curvas. A delicadeza de Alice encantava a todos, ela era a mulher mais linda da noite, a única que chamava a minha atenção.

E assim seria para o resto de minha vida.

Subi no palco, e o microfone tremeu em minhas mãos. Olhei para a plateia que aguardava minhas palavras. Pela primeira vez, eu traria à tona todos os meus traumas e esperava, fervorosamente, que ninguém me julgasse por minhas escolhas.

Pensei em Alice e no quanto havíamos treinado em casa, então, deixei que as palavras saíssem.

— Eu poderia explicar o que é a dislexia e seus sintomas, mas acho que isso já foi feito com maestria hoje. Então, o que posso trazer para vocês é a árdua experiência de viver a dislexia. Desde muito cedo, tudo que eu mais desejava era ser como as outras crianças. Não entendia por que era diferente. A vida me ensinou que a dislexia é muito mais do que não saber ler ou escrever. Ela roubou a minha infância, mas a culpa não era dela, e sim de quem deveria entender o que ela significava. Por muito tempo, eu não consegui usar o celular, evitava qualquer programa que necessitasse leitura, como assistir a um filme legendado, por exemplo. Por isso, se tem uma coisa que eu gostaria de dizer aos pais da plateia é: nunca desistam de seus filhos, por mais difícil que seja. Aconteça o que acontecer, tenham em seus corações que o amor e a atenção podem transformar o mundo e o futuro de uma criança.

Alcansei o pedaço de papel já amarelo em meu bolso e o desdobrei. Olhei para Alice, ela sabia o que eu segurava em minhas mãos. Era a carta que ela havia me escrito no dia em que foi embora. Alice pensa que eu a procurei por causa de suas palavras, mas não foi isso que aconteceu. Quando resolvi ir atrás de ela, foi porque não conseguia mais existir sem ela.

— Um dia uma mulher linda me disse que eu não era mais uma estrela esquecida, como sempre achei que fosse. — Olhei diretamente para Alice, e ela sorriu. — E eu acreditei nela. Acreditei que eu faço parte de um céu estrelado.

Um céu que acolhe todas as luzes, principalmente, as especiais. Todas as estrelas têm o seu espaço no céu, e elas surgem todas as noites, mostrando que a noite pode ser escura, mas sempre haverá um ponto de luz para guiar aqueles que quiserem sair dela.

Palmas ensurdecedoras ecoaram pelo auditório. Tive que ficar em silêncio, aguardando a euforia da plateia se dissipar para que pudesse concluir minha fala.

Estiquei a carta e ajeitei o microfone.

— Essa mesma mulher certa vez me escreveu uma carta inspiradora, e gostaria de compartilhar um trecho com vocês. Ela fala sobre o medo. O medo que muitas vezes sentimos e que nos impede de continuar, de aprender, de viver.

“Todos nós sentimos medo. Somos humanos, passíveis de imperfeições.

Algumas pessoas sentem mais que outras. O que diferencia estas pessoas é a coragem de enfrentá-lo, mesmo sabendo que nem sempre sairão vencedores. Às vezes, a derrota fará parte de nossas vidas, mas o simples fato de não deixar que os fantasmas nos amedrontem faz com que sejamos capazes de lidar com qualquer problema. Tenha medo, mas tenha coragem. Sinta o medo, mas arme-se de fé para vencê-lo e, se tudo der errado, não deixe o medo roubar sua capacidade de seguir em frente. Siga em frente, mesmo com medo.”

E eu segui!

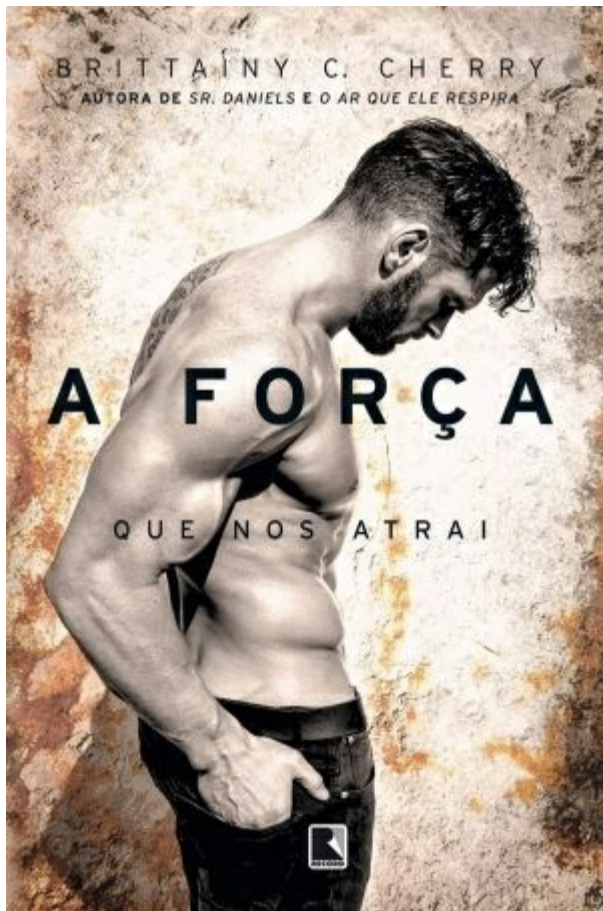
Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Além das cores *Facebook* da autora <https://pt-br.facebook.com/autoracamilamoreira/>

Twitter da autora https://twitter.com/mila_autora

Goodreads da autora https://www.goodreads.com/author/show/7872046.Camila_Moreira

Skoob da autora <https://www.skoob.com.br/autor/10514-camila-moreira>



A força que nos atrai Cherry, Brittainy C.

9788501112989

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

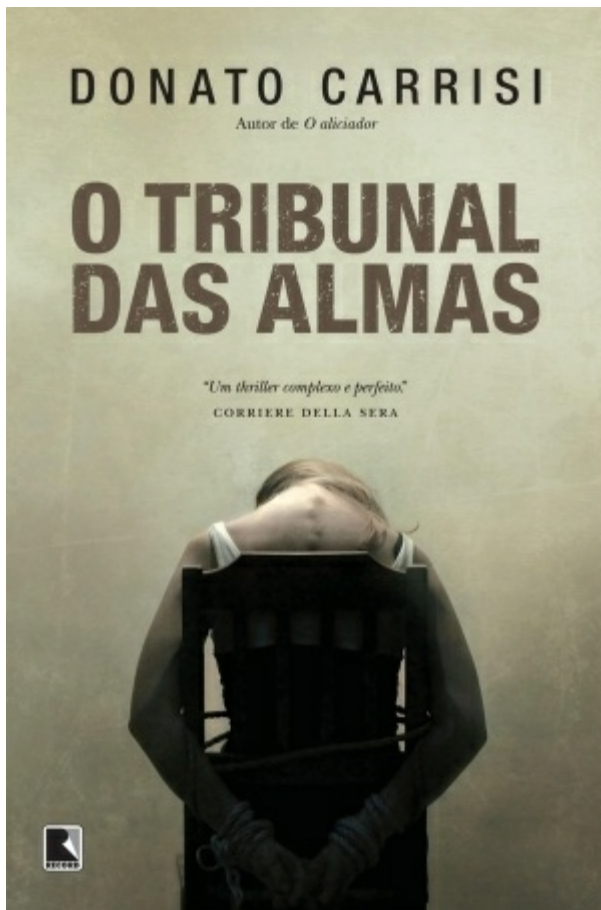
Romance da mesma autora de Sr. Daniels. Graham e Lucy não foram feitos um para o outro, mas é impossível resistir à atração que os une.

Graham é um escritor atormentado, com o coração fechado para o mundo. Casado com Jane, em um relacionamento sem amor, ele vê sua vida virar de cabeça para baixo quando Talon, sua filha, nasce prematura e corre risco de morte. Abandonado pela esposa, ele agora precisa abrir seu frio coração para o desafio de ser pai solteiro. A única pessoa que se oferece para ajudá-lo é Lucy, a irmã quase desconhecida de Jane.

Apaixonada pela vida, falante e intensa, ela é o completo oposto de Graham. Os cuidados com a bebê acabam aproximando os dois, e Lucy aos poucos consegue derreter o gelo no

coração de Graham. Juntos, eles descobrirão o amor, mas os fantasmas do passado podem pôr tudo a perder.

[Compre agora e leia](#)



O tribunal das almas Carrisi, Donato

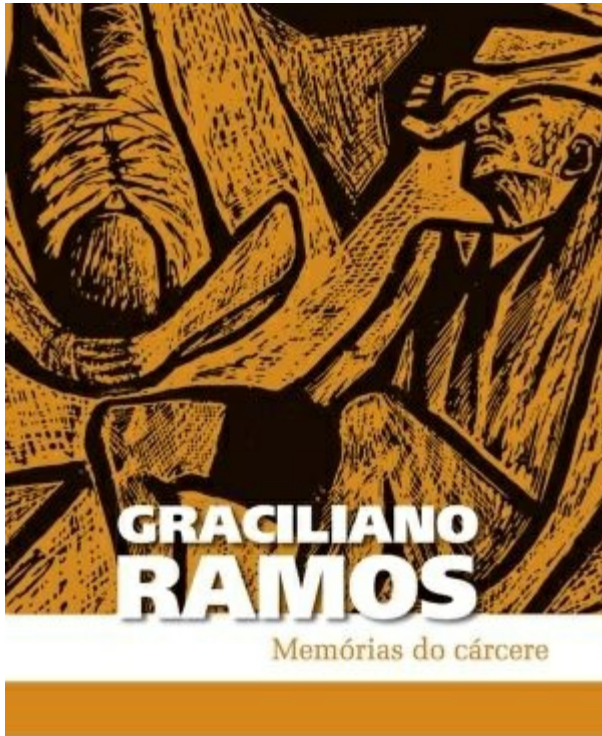
9788501100474

434 páginas

[Compre agora e leia](#)

Marcus é um homem sem passado. A sua especialidade: analisar as cenas de crime para reconhecer o Mal nos pequenos detalhes e solucionar homicídios aparentemente perfeitos. Há um ano, foi gravemente ferido e perdeu a memória. Hoje, é o único que poderá salvar uma jovem desaparecida. Este peculiar investigador enfrenta, porém, um desafio ainda maior: alguém está a usar o arquivo criminal da Igreja para revelar a verdade sobre crimes nunca oficialmente resolvidos.

Assassinos são colocados perante os familiares das vítimas. Será, passado tanto tempo, saciado o desejo de vingança? Passarão os inocentes a culpados? Ou será, finalmente, feita justiça?"Um thriller de estrutura complexa mas perfeita, cuja narrativa se move com sucesso entre diferentes pontos de vista e períodos de tempo." Corriere della sera"Um novo bestseller capaz de atrair e hipnotizar até quem não gosta de ler thrillers." Il Quotidiano [Compre agora e leia](#)



Memórias do cárcere Ramos, Graciliano

9788501404398

728 páginas

[Compre agora e leia](#)

Memórias do cárcere é o testemunho de Graciliano Ramos sobre a prisão a que foi submetido durante o Estado Novo. Uma narrativa de alguém que foi torturado, viveu em porões imundos e sofreu privações provocadas por um regime ditatorial. No livro, Graciliano descreve a companhia dos mais variados tipos encontrados entre os presos políticos:

descreve, entre outros acontecimentos, a entrega de Olga Benário para a Gestapo, insinua as sessões de tortura aplicadas a Rodolfo Ghioldi e relata um encontro com Epifrânio Guilhermino, único sujeito a assassinar um legalista no levante comunista do Rio Grande do Norte. Durante a prisão, diversas vezes Graciliano afirma destruir as anotações que poderiam lhe ajudar a compor uma obra mais ampla.

Também dá importância ao sentimento de náusea causado pela imundice das cadeias, chegando a ficar sem alimentação por vários dias, em virtude do asco. Da cadeia, Graciliano faz comentários sobre a feitura e a publicação de Angústia, uma de suas grandes obras.

[Compre agora e leia](#)



Cidade do fogo celestial - Instrumentos mortais - vol. 6

Clare, Cassandra

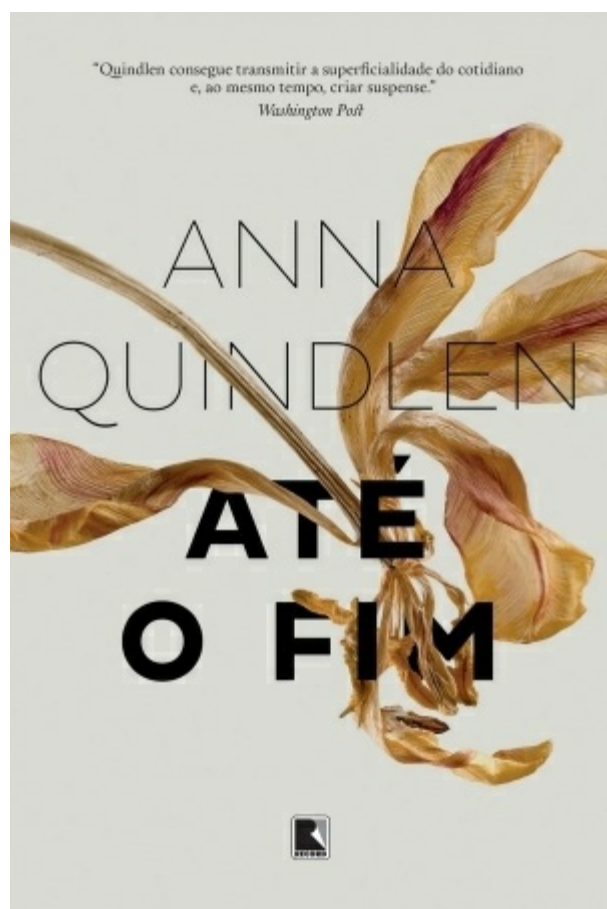
9788501039033

632 páginas

[Compre agora e leia](#)

ERCHOMAI, Sebastian disse. Estou chegando. Escuridão retorna ao mundo dos Caçadores de Sombras. Enquanto seu povo se estilhaça, Clary, Jace, Simon e seus amigos devem se unir para lutar com o pior Nephilim que eles já encararam: o próprio irmão de Clary. Ninguém no mundo pode detê-lo — deve a jornada deles para outro mundo ser a resposta? Vidas serão perdidas, amor será sacrificado, e o mundo mudará no sexto e último capítulo da saga Os Instrumentos Mortais.

[Compre agora e leia](#)



Até o fim Quindlen, Anna

9788501052858

308 páginas

[Compre agora e leia](#)

Até o fim conta a trajetória de uma mãe que levou adiante uma vida com a qual jamais

sonhou, mas que teve coragem suficiente para enfrentá-la.

Mary Beth Latham tem uma vida que considera perfeita. Muito dedicada à família, ao lado do marido Glen, construiu um lar feliz e saudável para Ruby, a filha mais velha, e para os gêmeos adolescentes Max e Alex.

Mas, quando percebe uma mudança no comportamento de Max, há algum tempo deprimido e mais calado que o normal, Mary dedica toda sua atenção a ele. E é nesse momento que acontecimentos a princípio sem importância anunciam uma tragédia. Porém, ao se dar conta das rachaduras na redoma na qual instalou a família, já é tarde demais, e a sequência disso é a prova de todo amor e determinação de uma mãe e do poder que a esperança tem em nos manter vivos.

[Compre agora e leia](#)

Document Outline

- [ROSTO](#)
- [CRÉDITOS](#)
- [SUMÁRIO](#)
- [CAPÍTULO 01](#)
- [CAPÍTULO 02](#)
- [CAPÍTULO 03](#)
- [CAPÍTULO 04](#)
- [CAPÍTULO 05](#)
- [CAPÍTULO 06](#)
- [CAPÍTULO 07](#)
- [CAPÍTULO 08](#)
- [CAPÍTULO 09](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [COLOFON](#)
- [ALÉM DAS CORES](#)